

# ILUSTRAÇÃO



# BOLACHIAS

A GRANDE  
M A R C A  
PORTUGUESA



Variadas e  
saborosissimas  
qualidades

UM UNICO FABRICO  
O MELHOR

# NACIONAL

**A  
LINHA  
MODERNA  
ADQUIRE-SE  
COM  
FACILIDADE**



# GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos  
Frescura e macieza da epiderme  
Encanto e vigor da juventude  
É o sonho de toda a mulher moderna

que ela realiza sem  
tratamento fasti-  
dioso, sem incomodo,  
sem perda de tempo,  
com asseio e com  
pouca despeza por

**" SUDOREX "**

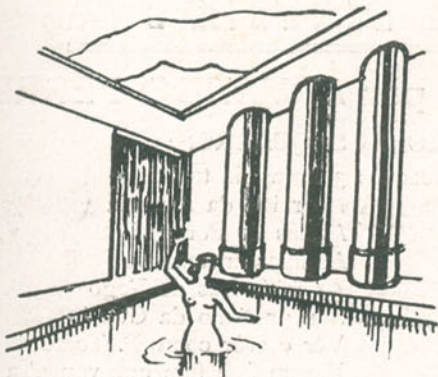
será para as senhoras  
o complemento indis-  
pensavel da sua cura  
de beleza. Desemba-  
raçando-as de gordu-  
ra inutil, suprimirá to-  
das as indisposições.

**" SUDOREX "**

aparelho portatil de  
BANHOS DE VA-  
POR EM CASA

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM  
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO  
das  
BELEZAS  
ANTIGAS

**THERMAS**



MÉTODO  
das  
ELEGANTES  
MODERNAS

**SUDOREX**

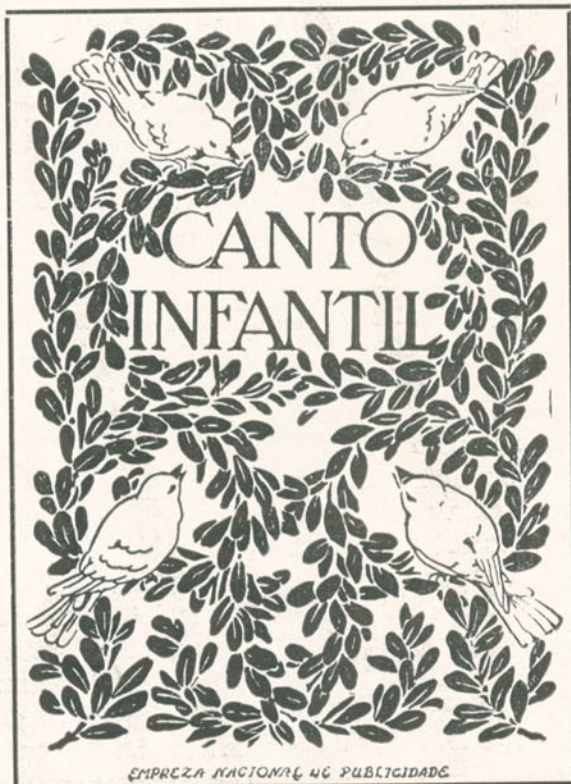
À VENDA  
em todas as FARMACIAS E  
GRANDES ARMAZENS

**SUDOREX**

102 Rue de La Boétie - PARIS (8)

Enciclopedia n.º 507 gratis por pedidos

**SUDOREX** BANHOS DE VAPOR



# Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

**VERSOS** de Afonso Lopes Vieira  
**MUSICA** de Tomás Borba  
**ILUSTRAÇÕES** de Raul Lino

«Desta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

**P R E Ç O : 1 0 \$ 0 0**

*A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS  
 Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias*

**O melhor livro para as férias**

## **A NAU CATRINETA**

por **ARMANDO FERREIRA**



TITULO DOS QUADROS:

PROLOGO: 3 horas da tarde  
 No reino da Historia  
 Arcias de Portugal  
 As ilhas encantadas  
 As feiticeiras do Fogo  
 Sou pretinho da Guiné  
 Vêr e crêr como S. Tomé  
 Furum fum fum que vou p'ra Angola  
 Os jardins do senhor Lourenço  
 No reino das Pedrarias  
 Chum-Chim-Cháu  
 Do outro lado da Terra  
 Uma hora depois

**A volta ao mundo Português**  
 Ilustrações de Alfredo Moraes

A' venda na Filial do "Diario de Noticias"  
 Largo de Trindade Coelho, 10 e 11  
**e em todas as Livrarias**

Este  
é melhor,  
...Mãezinha!



É o alimento mais saboroso que me tens dado! Não enjoa nem causa a mais pequena dôr ou prisão de ventre. Sinto-me mais forte e até parece que cresço cada vez que tomo

**'Allenburys'**

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES!  
PEÇAM HOJE MESMO  
O NOSSO FOLHETO  
GRATIS.

Allen & Hanburys Ltd.,  
Rua dos Douradores 29, 1º, Lisboa



**"Antes prevenir ou curar que sofrer"**

VICHY — reconhecidamente o melhor tratamento para todas as doenças do fígado e estômago e sofrimentos semelhantes

**Época: ABRIL-OUTUBRO**

Numerosos hotéis de todas as categorias  
— Casinos — Teatro  
— Corridas de cavalos — Golf — Tênis — Polo

Por vários médicos e em todos os grandes hotéis é falado o português

INFORMAÇÕES:  
SYNDICAT D'INITIATIVE DE VICHY

**VICHY**



De preparação salina efervescente, sem assucar nem sal mineral purgativo, o "Sal de Fructa" ENO exerce uma acção benéfica, semelhante á dos fructos bem maduros, no estomago e fígado tonificando-o, e nos intestinos, que mantem permanentemente limpos. Sessenta anos de verdadeiro successo garantem a sua eficácia.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

**SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"**  
Depositaris em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.  
8, Caes do Sodré, LISBOA.

**Novidade Sensacional**

Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Duma manobra geral procedese da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaralhados com um pente apropriado (desembaralhador), penteam-se com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer deslizar o pente através dos cabelos produz uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda:  
ACADEMIA SCIENTIFICA  
D E B E L E Z A  
M. das  
Av. dos CAMPOS  
35 — Lisboa

**PEIGNE ONDULATEUR "VIEIRA"**

Preço Esc. 15\$00

**UM ARGUMENTO DE PESO**

**Mais de 150 anos**  
de justificada fama garantem ser a  
**Farinha de S. Bento**

um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de todas as idades e, em especial fracas ou idosas.

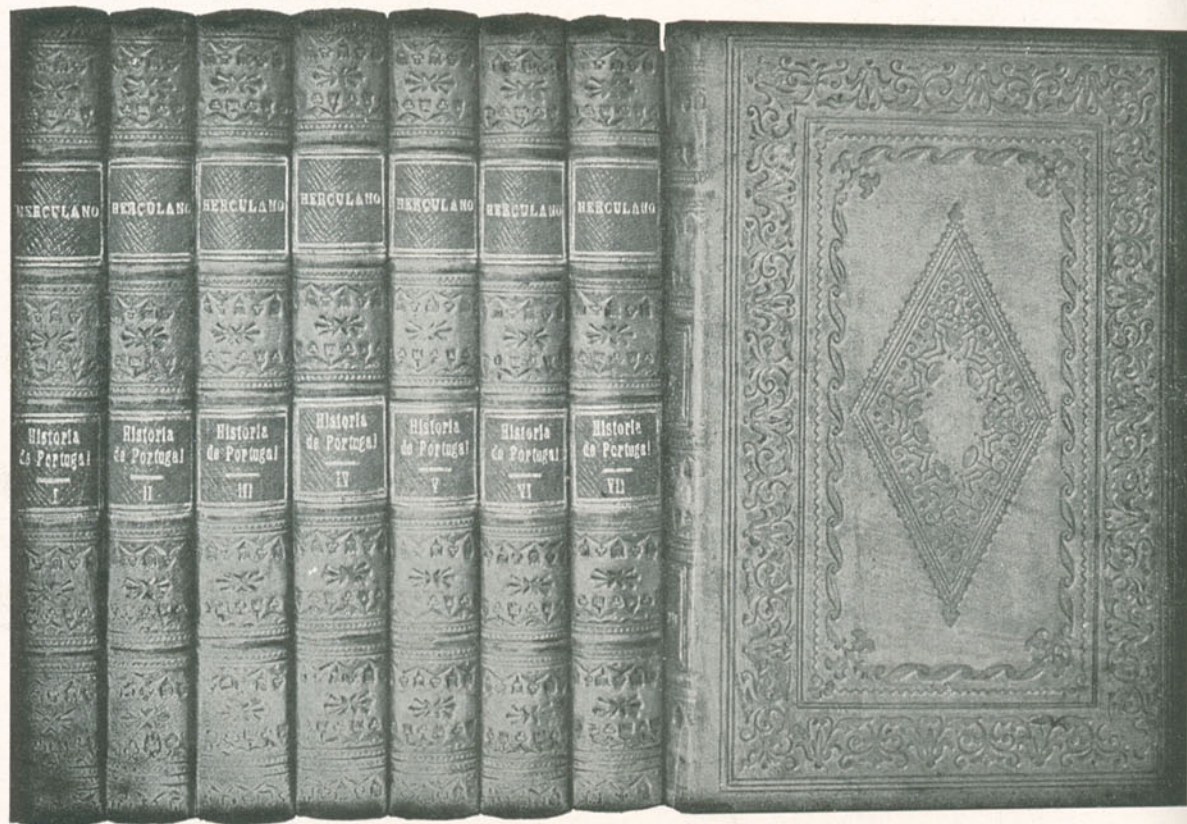
Vende-se em todos os bons estabelecimentos e no Deposito Geral:  
**R. de S. Bento, 374 - Lisboa**  
Telefone Norte 3670

# HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

# ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 × 18, impresso em esplêndido papel

**POR ASSINATURA:** o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo, despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume e brochura. . . . . Esc. 12\$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . Esc. 16\$00

Idem, encadernado em carneira gr-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado . . . Esc. 27\$00

COLONIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND ————— 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAI ESTE MEZ

# Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

**UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL**

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, cartonado **10\$00**  
Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**33.º — ANO — 1932**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Não se pode absorver impunemente qualquer bebida; ha uma que se deve usar, só ou misturada com vinho. Obtem-se deitando em agua potavel os

**Lithinés de D'Gústin**

que vos darão uma agua deliciosa, dissolvente do ácido úrico e combatendo as afeções dos Rins, Fígado, Bexiga, Estomago e Intestinos.

## Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CARBO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA**, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, **DIATERMIA**  
e Maçagens. — — — —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

# UMA CIRCULAR



Casa fundada em 1732

## LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

ESCRITÓRIO: Rua Anchieta, 25

TELEFONES: PBX 2 0535 e 2 0536

TELEGRAMAS: LIBERTRAN-LISBOA

CÓDIGOS:

A. B. C. 5.ª EDIÇÃO E RIBEIRO  
LISBOA

Editora das publicações:

ILUSTRAÇÃO

MAGAZINE BERTRAND

ALMANACH BERTRAND

Lisboa, 1 de Setembro de 1931

Il.º Sr.

Tem esta por fim comunicar a V. S.<sup>a</sup> que por escritura de 28 de Agosto ultimo, lavrada pelo notario Dr. Tavares de Carvalho, foi substituida a firma Aillaud, L.<sup>da</sup> pela denominação de LIVRARIA BERTRAND, L.<sup>DA</sup>, devendo assim TODA A CORRESPONDENCIA, SAQUES E VALORES, SER ENDEREÇADAS Á

## LIVRARIA BERTRAND, L.<sup>DA</sup>

Rua Garrett, 73, 75

LISBOA

A gerencia da sociedade, continúa a ser a mesma, tendo-se apenas produzido a modificação acima referida.

"Pela LIVRARIA BERTRAND, L.<sup>DA</sup>,"

O Gerente

ARTHUR BRANDÃO

"Pela LIVRARIA BERTRAND, L.<sup>DA</sup>,"

O Gerente assignará:





— Allô . . . M.<sup>elle</sup> Paudler.

— Allô . . . allô . . . Mr. Chevalier.

— Dite-moi, M.<sup>elle</sup> Paudler, está contente com o seu último filme?

— Oh! Très contente; deu-me novos contratos. Je suis henreuse . . .

— Allô . . . M.<sup>elle</sup> Paudler e não sente a solidão? . . .

— Oh! . . . Mr. Chevalier . . . A vida é bela quando se é sozinha . . .

Oh! . . . Mam'zelle . . . "quand on est deux, . . .

— Ca c'est pour vous . . . Vous êtes charmant . . .

— All right— como eu dizia em Hollywood— je ne peux pas vivre sans amour . . .

— Mais attendez, m'sieur Chevalier . . . Eu não odeio a solidão porque tenho o melhor companheiro de toda a vida . . .

— Oh! Oui? Vraiment?

— Un bon *compagnon*, oui . . .

— E como se chama ele? . . .

— *Mr. le Telephone*. O meu gran-

de e inseparável amigo . . . Devo-lhe os meus triunfos e a minha felicidade. Não há solidão com um telefone . . .

— Em vossa homenagem vou criar a minha nova canção dedicada a toda a mocidade.

*Je ne peux pas vivre sans telephone . . .*

Este é um anúncio da

ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Co. LTD.

R. Nova da Trindade, 43 - Lisboa  
Rua da Picaria, 5 - Porto





## *Voltaes para casa exgotado pelo trabalho*

**e com a desalentadora certeza de que  
um esforço igual vos espera no dia  
seguinte.**

E perguntareis a vós mesmo: Poderei resistir até ao fim? Ou ver-me-hei exgotado antes de tempo, velho e incapaz de trabalhar? Resposta: Bôa alimentação, somno, ar puro.

O somno e o ar puro são coisas que vós resolvereis. Quanto á alimentação permiti que vos ajude.

Se um organismo exgotado pelo esforço quer manter a sua elasticidade e a sua capacidade productiva, é-lhe absolutamente necessario alguma coisa mais subs-

tancial e mais assimilavel, ao mesmo tempo que a sua alimentação habitual. Esse «alguma coisa mais que a alimentação», é a Ovomaltine.

Com uma chavena d'Ovomaltine, de manhã ao pequeno almoço, chega-se ao fim do dia sem sentir o trabalho que se realisou.

Á noite, uma chavena d'Ovomaltine repara rapidamente a brecha aberta em vossas forças e assegura-vos um somno tranquillo e reparador.



# A OVOMALTINE

é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias  
Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correios, 41 - 2º

Lisboa



# ILUSTRACÃO

REDACÇÃO  
Rua Anchieta, 31, 1.º  
Telef.: 2 0535

*grande revista portuguesa*  
DIRECTOR-ANTONIO FERRO

ADMINISTRAÇÃO  
R. Diário de Notícias, 78  
Telef.: 2 3132



UMA DAS CRIANÇAS POBRES DE LISBOA, EM FÉRIAS NA COLÓNIA INFANTIL DA CRUZ QUEBRADA, INSTITUIÇÃO MANTIDA PELAS JUNTAS DE FREGUESIA DE LISBOA, QUE MERECE A SIMPATIA E O AUXÍLIO DE TODOS OS PORTUGUESES

NA CAPA — SALOMÉ, CÉLEBRE QUADRO DE CRANACH, EXISTENTE NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

# Cruz Quebrada, & Estoril das crianças pobres,



dências para Vasco da Gama, se afastam um metro de terra, para arrefiar os banheiros.

Infelizmente, a pequenada chegou, agora mesmo, do banho, e as portas que dão para o mar foram fechadas a cadeado.

Encontro-as a brincar ao ar livre, no recinto dum grande parque de recreio, com baloiços, e uma jaula onde mora um macaco resignado.

Quatrocentos bibes e chapéus de palha



CHEGO a Cruz Quebrada de manhã cedo, disposto a passar um dia de férias na única praia da Costa do Sol — onde as crianças pobres respiram o mesmo ar, vêem o mesmo Sol, brincam com as mesmas ondas das crianças ricas.

Entro, apressado, no edifício da Colónia Infantil, ainda com a esperança de as encontrar no banho, a chapinhar na água, com os cabelos a escorrer; corro, deseioso de ouvir os gritos e os choros medrosos das mais pequeninas, choros que parecem risos; ao passo que as grandes, mais afoitas, cheias de ten-

A VERTIGEM DO BALOIÇO. — UM GRUPO DE CRIANÇAS DA COLÓNIA INFANTIL. — UMA DANÇA DE RODA. — (Fotos Hordeto de Novais)





— E aquela é a «Miss» dos Olivais — revela-me outra, apontando-me uma garota de olhos arrapazados.

Mas nem todas estão de acôrdo. Esboçam-se rivalidades. Olivais possui, pelo menos, quatro ou cinco candidatas ao título real.

— Eu também nasci nos Olivais — garante-me uma, sardenta como a Greta Garbo, boca enorme, olhos cheios duma expressão agudamente irónica. — Sou a «Miss» Portugal!

Em volta de mim, ouço exclamações de troça — enquanto tenho a honra de ser apresentado a «Miss» dos Anjos, olhas azues, claros e tímidos, e a «Miss» dos Santos-o-Velho, um tipo plebeu, mas sim-

O PARQUE DE RECREIOS DA COLÓNIA INFANTIL DA CRUZ QUEBRADA, ONDE AS CRIANÇAS ANDAM NOS BALOIÇOS, CORREM, BRINCAM E DANSAM AS LAVADEIRAS. — EM BAIXO: UM TIPO CURIOSO DUMA CRIANÇA DOS BAIROS POBRES DE LISBOA. — (Fotos: *Horácio de Norais*)

correm ao sol. Joga-se o «jará»; há danças de roda; ouvem-se as lavadeiras; e as mais novas, em grupos melancólicos, entretêm-se a atirar as cinco pedrinhas.

Os baloiços não param. O macaco salta na gaiola.

Há paz, alegria e saúde na cidade Infantil da Cruz Quebrada.

O sr. Pedro Terenas, director da Colónia, recebe-me como um príncipe, e mostra-me, orgulhoso, as suas pequenas:

— Levantam-se cedo e vão para o banho. Em seguida tomam café e pão. Depois, brincam, correm e saltam todo o dia. Só interrompem a brincadeira para almoçar e jantar. À noite, depois do cinema, deitam-se...

E o sr. Pedro Terenas, durante algum tempo, fala com simplicidade e ternura daquela casa mantida pelas Juntas de Freguesia, à custa de muitos sacrifícios. As pequenas, antes de entrar na Colónia, recebem um enxoval de férias, completo e gratuito: bibes, chapéus, sapatos, etc. Ora isto custa muito dinheiro!

E conta-me pormenores, narra-me factos, censura a indiferença egoísta de alguns...

— E as pequenas não têm saudades das famílias? — interrompo. Vivem felizes?

Pedro Terenas sorri e tem um gesto elucidativo que significa, pouco mais ou menos, o seguinte: «Olhe, vá interrogá-las».

Corro para o meio das crianças. Todas me rodeiam, com tumulto e alegria.

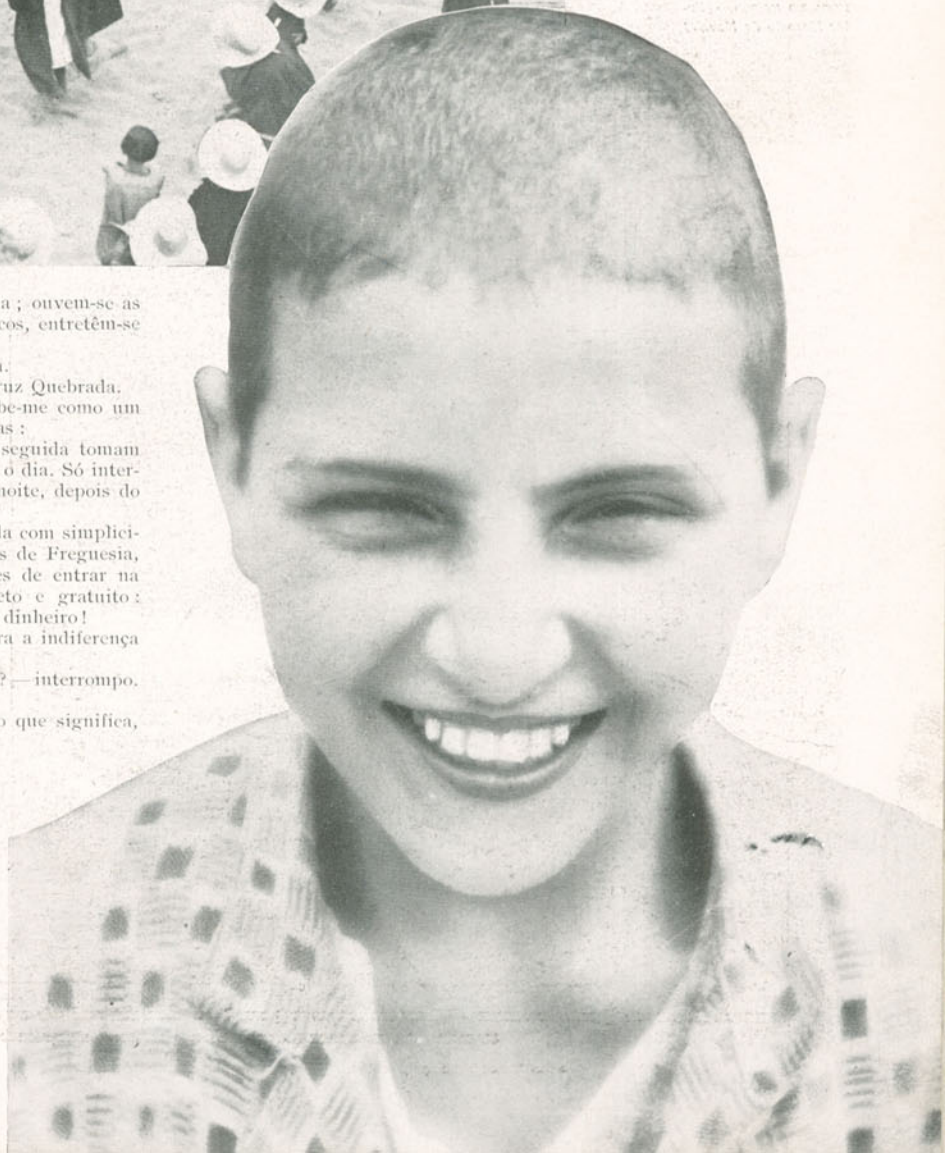
— Como te chamas? — pergunto a uma delas, de cabelos castanhos, olhos puríssimos, perfil aristocrático:

— Maria Umbelina, da Freguesia dos Mártires.

As outras pulam, gritam, explicam-me:

— É a «Miss».

Descubro, então, que todas as freguesias já elegeram, há muito tempo, as suas «Miss» representativas. A Maria Umbelina é a «Miss» dos Mártires.



## ILUSTRAÇÃO

pático, com um sorriso contagioso.

— Gostas de estar aqui? — pergunto-lhe.

A petiza olha-me bem de frente e ri alto:

— Pudera! Imagine que durmo numa cama com dois lençóis!

E depois de cismar um bocadinho:

— Além disso, minha mãe escreve-me quâsi todos os dias!

E mostra-me um postal, cheio de êrros de ortografia e de hieroglifos, que só certos corações inteligentes conseguem decifrar.

A mãe pede-lhe que «arrebeba» muitas saúdaes, e queixa-se: «Quando partiste no combóio, disse-te adeus, mas tu não te importaste, mesmo nada, de mim, minha filha».

Restituo o postal à petiza e olho, mais uma vez, em redor, para fixar bem as caras dessas raparigas

A ALEGRIA DAS CRIANÇAS NA COLÓNIA INFANTIL DA CRUZ QUEBRADA. — A HORA DO ALMOÇO. — (Fotos Horácio de Novais)



que eu tenho encontrado, tantas vezes, nos bairros pobres de Lisboa, onde crescem as urtigas e há restos de hortaliça nas lages dos pátios.

Parecem-me menos pálidas, mais frescas, mais ágeis, mais bonitas. O sol pintou-as de moreno. Engordaram!

Não admira: agora passam os dias ao sol e tomam banho tódas as manhãs. Já não se lavam apenas com lágrimas—como dentes. Não ouvem palavões, gritos, ralhos contínuos. Vivem em pureza, longe dos ambientes de miséria. Parecem-me mais infantis, mais cândidas. Até aquela pequena que vejo a correr como um gato, cabeça rapada à navalha, olhos piscos, dentes lindos e selvagens, já não é a mesma que corria pelas calçadas, há oito dias, descalça e suja. Aristocratizou-se; lembra a Falconetti na Joana de Arc.

Chamo por ela e pergunto-lhe:—

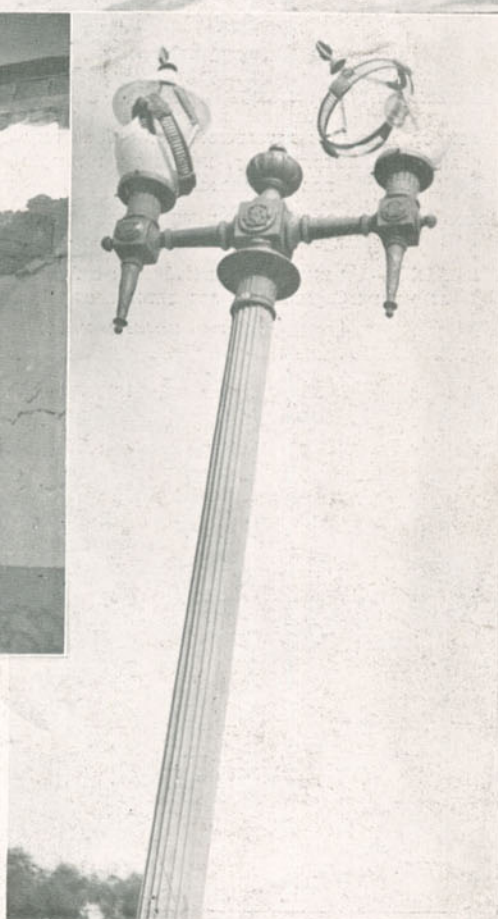
— És rapaz ou rapariga?

— Sou a «carequinha» — responde-me com uma voz áspera, cheia de saúde e simpatia.

E não consigo arrancar-lhe mais uma palavra. Ri como se lhe fizessem cócegas, a boca muito aberta, os dentes certos, os olhos piscos...

Assim se passou o meu dia de férias na Colónia Infantil António José de Almeida, na Cruz Quebrada, a única praia da Costa do Sol onde o sol se torna humano nos olhos, nas bocas, nos gestos e nos risos das crianças pobres de Lisboa.

# A ÚLTIMA TENTATIVA REVOLUCIONARIA



DE CIMA PARA BAIXO—O ESTADO EM QUE FICOU UM PRÉDIO NA CALÇADA DO LAVRA, ATINGIDO POR UMA GRANADA, CUJOS ESTILHAÇOS MATARAM UM POBRE VELHO, QUE ESTAVA NA CAMA, E FERIRAM SUA MULHER

AS TROPAS FIEIS ENTRINCHEIRADAS NA AVENIDA ANTÔNIO AUGUSTO DE AGUIAR, DEPOIS DA RENDIÇÃO DOS REVOLTOSOS

UM ASPECTO DO INTERIOR DO QUARTEL DE METRALHADORAS 1, DEPOIS DA SUA RENDIÇÃO GRAÇAS À ATITUDE ENÉRGICA DO REGIMENTO DE CAÇADORES 5

ESTADO EM QUE FICOU UM CANDIEIRO DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA NA AVENIDA DA LIBERDADE, DEPOIS DOS COMBATES NO PARQUE EDUARDO VII

(Fotos Horácio de Novais)



UM ENTRINCHEIRAMENTO DA POLÍCIA NA RUA SERPA PINTO,  
NO DIA DA REVOLUÇÃO.



A CONDUÇÃO DE DOIS REVOLUCIONÁRIOS PRÊSOS PARA  
O QUARTEL DE ARILHARIA 3, DEPOIS DA RENDIÇÃO  
DOS REVOLTOSOS

GRUPO DE SOLDADOS FIEIS ENTRINCHEIRADOS NA RUA  
MARQUÊS DA FRONTEIRA

EM BAINHO — UM INSTANTÂNEO HISTÓRICO : O ÚLTIMO  
ATAQUE DE CAÇADORES 5 AOS REVOLTOSOS

(Fotos Harácio de Novais)







**E**SPERAVA-O, como de costume, à porta da rua, e porque já lhe conhecia os passos, em marcha de digitigrado, só quando ele pisava a soleira, alevantava o trinco.

Subiram a pequena escada que conduz ao primeiro andar, e quando ele se dispunha a entrar no quarto em que habitualmente era recebido, empurrando-o para a frente, com vivacidade e secura, ela disse-lhe:

— Vamos para o escritório. Precisamos conversar.

— Está muito bem; conversaremos.

O escritório era um pequeno gabinete forrado a papel cor de rosa, com abundantes desenhos de fantasia. Uma secretária em pau preto, com muitas gavetas; um cofre de tamanho avantajado, à prova de fogo e de roubos, provido duma campainha de alarme, que tocava logo que se pretendesse abri-lo. Um pequeno sofá em que o sr. Borges se estendia, de papo para o ar, cigarreando para matar o tempo, quando lhe sucedia não ter nada que fazer, em casa. Uma cadeira de braços, muito cômoda, almofadada, algumas cadeiras com assento de madeira, muito resistentes, e uma pequena estante com livros, a maior parte encadernados, romances franceses e ingleses, que a senhora conhecia muito bem as duas línguas, e tinha em pouca conta os escritores nacionais.

— Precisamos, então, conversar?

— Sim, precisamos conversar sobre a

nossa situação, que dura há três anos, e não pode continuar.

— Estás aborrecida?

— Não estou aborrecida, estou vexada. Mulher dum e amante de outro; sempre junta do que detesto, e só por breves horas, fíctivos instantes, ao pé do que amo, é uma situação que incomoda e envergonha, tanto mais incômoda e vergonhosa quanto mais durar. Há três anos que isto dura.

— Permite uma ligeira rectificação — há dois anos e onze meses que duram as nossas relações, isto é, o teu vexame é a tua vergonha, para me servir das tuas próprias palavras. Uma eternidade...

— Vejo que a minha exposição te põe de bom humor; que a tragédia que eu sinto desenrolar-se no meu lar, é para ti um episódio de revista do ano.

— Enganas-te. Sabes que sou pouco propenso ao trágico; que gosto mais de rir que de chorar, razão porque sempre preferi Demócrito, o galhofeiro, a Heráclito, o chorino. Mas continua...

— Não casei por amor, bem sabes. Por morte de minha mãe, já viúva quando nasci, fiquei em circunstâncias mais do que difíceis, angustiosas, nem sequer remediada e sem preparação suficiente para ganhar a vida. Encarava o futuro com horror, porque nele via a miséria, a privação de todo o conforto a que estava habituada, frágil baixel perdido no mar da vida, sem segurança e sem rumo.

— Foi nessas circunstâncias, trágico-marítimas, que te apareceu o Borges...

— Esperava que me ouvisses com seriedade; que tivesses a delicadeza de não rir da minha dor no momento em que te patenteio a minha alma, e ponho nas tuas mãos o meu destino, a minha vida.

— Não vale zangar. Oíço-te com atenção, não simplesmente por delicadeza, mas com interesse, tanto mais que o teu caso é também o meu caso; a solução que ele tiver afectar-nos-á por igual. Continua...

— O Borges, como sabes, era homem de fortuna sólida, uma boa fortuna. Deu-lhe para me fazer a côrte, não para se divertir, mas para casar comigo. Calculou que a sua riqueza seduziria a minha miséria; que eu não repararia na sua falta de instrução; que a rusticidade das suas maneiras pouco ou nenhuma importância teria para mim, deslumbrada com as perspectivas dum futuro que garantisse tôdas as minhas necessidades e todos os meus caprichos de luxo.

— Vamos lá... Se o Borges raciocinou assim, é menos estúpido do que eu suponha.

— Feito por outrem, êsse comentário seria um ultraje ou uma grosseria; mas eu faço de conta que o não ouvi, e prosigo... Colhi informações, e vim a saber que o Borges era homem de bom carácter; quasi analfabeto, porque o não tinham obrigado a frequentar a escola, e não por irremediável estupidez, incapaz de aprender o que constitui a obrigação de todos em matéria de instrução. Era bom por natureza, e delicado por instinto. Convenci-me de que poderia, à força de paciência, lapidar aquêlê diamante, adaptar aquela natureza selvagem às exigências da vida social, quebrando-lhe as arestas e polindo-lhe a superfície.

— E afinal...

— Afinal, os meus cálculos falharam quasi por completo, por culpa dêle, insusceptível de se educar, talvez por culpa minha, sem qualidades de educadora. Fui obrigada a reconhecer, passado pouco tempo, que as nossas almas não tinham sido feitas para se unirem, reconhecendo ao mesmo tempo que o bem-estar material é apenas uma condição, a de menor importância, para que haja felicidade num lar constituído sobre a base dum interesse, embora legítimo, alheio por completo ao amor.

— Foi nessas alturas...

... Foi nestas alturas que tu me aparecêste.

— Bem me recordo do nosso primeiro encontro. Foi num dia de festa, na Quinta dos Azulejos, dia que se passou lindamente, de manhã à noite, vindo a acabar o pagode na cidade, improvisando-se um baile, sem preocupações de toa-lete, que durou até de madrugada.

— Também me recordo... Entreguei-me sem reservas e sem cálculo; vi luzir uma esperança no fundo dum pégo, e atirei-me à água, sem medir os perigos da queda.

— Começo a perceber... Eras infeliz na tua gaiola doirada, e julgaste ter encontrado em mim o libertador sonhado. E depois?

— Sinto que não pode continuar esta situação; soffro horrivelmente, balouçada entre o dever e o amor; não posso ligar-me por affecto ao homem a quem me liguei pelo casamento, e não me resigno a continuar ludibriando-o por impulsos do coração.

— Isso, trocados em miúdos, quere dizer...

— Quere dizer que não serei do marido e do amante ao mesmo tempo; que saírei de casa para viver com o que amo, ou me conservarei em casa escravizada ao meu dever. Escolhe.

— Não escolho. Sabes muito bem que não poderias viver comigo como vives com o teu marido, mesmo prescindindo do luxo que aqui tens, reduzindo as nossas despesas ao restritamente necessário. O que ganho chega para a minha vida de rapaz, e não vejo maneira de au-

mentar os meus vencimentos, que são de tabela. Se não receasse ofender-te, diria que foste hábil na escolha da forma porque rompes as nossas relações, apon-tando-me dois caminhos a seguir, sabendo perfeitamente que um dêles não é transitável.

— A conclusão a tirar dêsse discurso...

— É fácil, e é imperativa — ficarás em casa, escravizada ao dever, como há pouco disseste, e eu resignar-me-ei a esperar que me saia premiado com a sorte grande do Natal um bilhete da loteria para quebrar as tuas algemas.

— Fico ciente. Amante, para ti, só de graça, mulher que outro sustente, vista e calce, assistindo-a nas suas doenças, aturando-a nas suas impertinências, máquina de prazer à hora, sem preços tarifários. Fácilmente encontrarás outra, idiota como eu, e depois dessa outra e muitas outras, que a mulher inteligente e cautelosa em matéria de amores, foi sempre e é de cada vez mais *avis rara*.

— Não te respondo no mesmo tom, porque não costumo ser grosseiro com as senhoras, mesmo quando elas se dispensam de usar aquelas fórmulas de urbanidade, que traduzem consideração e respeito. Quando te encontrei não andava à procura duma amante rica, uma amante que não precisasse vender os seus beijos, as suas carícias, a volúpia do seu corpo, propriedade dum homem opulento que a tivesse adquirido por contrato matrimonial, e não soubesse guardá-la.

— Esqueces-te de que sou uma senhora, e estou em minha casa. Põe-te lá fora! A porta desta casa fica-te para

sempre fechada, arrependida tãrdiamente de a ter franqueado a uma criatura da tua igualha. Miserável!

Acompanhou-o à porta, alumando com uma vela de stearina metida num castiçal de prata, e quasi o empurrou para que saísse, não lhe dizendo uma palavra.

Assim acabava um romance que durara três anos, quebravam-se assim relações que, nos juramentos dêle e dela, deveriam ser eternas.

Subiu quasi a correr o pequeno lanço da escada, conduzindo ao primeiro andar, e entrando no escritório, em que tivera lugar a cena violenta de que resultara quebrar as relações com o seu amante. D. Isabel atirou-se para cima do sofá, num choro sufocante.

Como pudera, com tanta facilidade, romper laços que pareciam à prova dos maiores esticões, laços de amor, resistentes como o ferro?

Sentia-se viúva, ainda com o marido vivo, retalhado o coração e escurentada a alma. Teve ganas de saír, vindo procurá-lo, não se erguendo, ajoelhada a seus pés, sem obter o seu perdão e o juramento sagrado de lhe querer como sempre lhe quizera, varrendo da memória a lembrança daquela hora de loucura, em que a fúria do ciúme os fá separando para sempre.

Por sua vez êle, chegando a casa, atirou-se para cima da cama, moído como se acordasse dum pesadêlo, siderado do cérebro, mal se dando conta do que ouvira, mal se recordando do que dissera.

fa perdê-la irremediavelmente?

Mais lhe valeria morrer, porque sem ela não teria mais uma hora de alegria, um minuto de prazer, um vislumbre de felicidade.

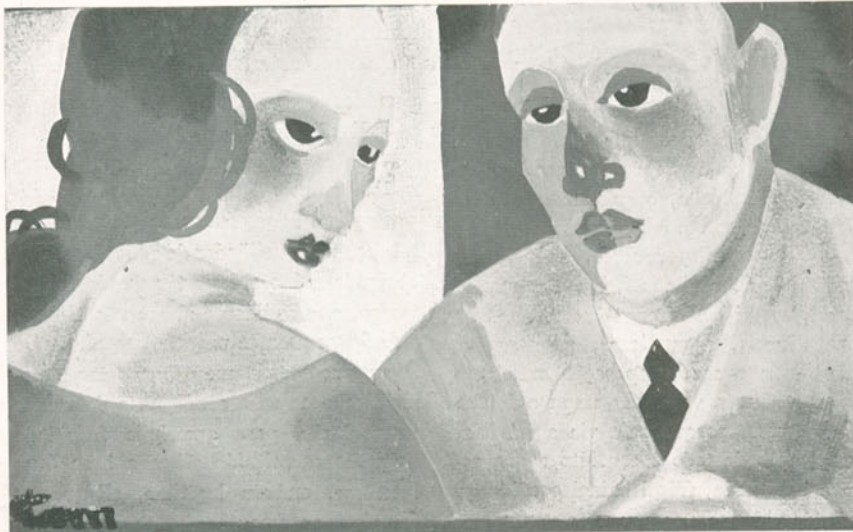
Sentiu impulsos de abalar de casa, para procurá-la, mas receou que ela não lhe abrisse a porta, nem sequer, podendo, sem escândalo fazer-lhe saber que estava ali, os olhos fitos na janela do escritório em que poucas horas antes se dera a violenta e trágica cena do rompimento.

Passou o dia, chegou a noite, e à hora em que habitualmente ela o recebia, marchando nos bicos dos pés, rua abaixo, dirigiu-se para sua casa.

Ele a pisar a soleira e ela a erguer o trinco, como de costume, confusa como uma criança surpreendida em flagrante maldade.

— Que fazias aqui?

— Esperava-te!





## EIS O SETEMBRO, MÊS DAS VINDIMAS...



SANTOS e santas da cõrte do céu, venerandos padres da Igreja e virgens mártires, a quem o calendário católico reservou as festividades do culto para êstes formo-

sos dias em que o estio abdica e o outono, com a mania de tudo converter em oiro, como o rei Midas, vem tomar-lhe a sucessão, — tenho pena, muita pena de vós, digo-o francamente!... Bem mais venturosos os vossos irmãos que lograram ter em Agôsto seus ritos, no Agôsto cheíno de romarias, durante o qual o povo mal despega dos adros e os sinos a tôda a hora, desde que a manhã é manhã até já noite fechada, atiram a montes e vales seus repiques argentinos. Então o fervor místico sobe de ponto, avassala os corações, espadana em rezas e promessãs. Há altares lindamente floridos, são mais vivos os lumes, os muros brancos das capelinhas rústicas renovam a sua provisão de ingénuas oferendas. Certo é que, de mis-

tura com as práticas religiosas, as gentes se entregam a folguedos de muito humano aprazimento e, ao mesmo tempo que a salvação da alma lhes dá cuidado, dispensam pródigo consôlo ao corpo, seu sustentáculo. Contudo, o principal da festa — assim o julgam e juram, decorre

na penumbra dos templos, onde Deus é glorificado. O aspecto pagão das mexidas e ruidosas romarias de Portugal, vêem-na e comentam-na, com impertinência, apenas os descrentes: para o rude povo êle integra-se à maravilha nas cerimónias sacras, e o pecado só é pecado





quando conscientemente se pratica, dizem-no os teólogos...

Porém em Setembro, no Setembro vindimeiro, quando por esses campos fora, por tôda a parte onde a vide tem domínio, se estabelece a mais azougada, a mais febril tarefa da vida agrícola, com a qual lavradores e seus auxiliares desde muitos meses atrás vêm sonhando, tarefa que constitui, pelo bulcício alegre que a agita, pelo entusiasmo contagioso que a reveste e caracteriza, a maior, a mais colorida e gárrula romaria de que há conhecimento, — pode lá alguém apensio-nar-se com as divindades distantes e ocultas, pode lá dedicar-lhes uma só migalha que seja dos carinhos que a terra, divindade presente e tangível, suprema doadora de prosperidades, lhe exige agora a cada instante?! Por isso, ermas

se quedam então as ermidas, nas suas pedras de ara não há flores viçosas, mais pálida se torna a chama votiva que em frente de cada uma das imagens se mantém acesa. É que, pobres santos e santas a quem compete veneração neste mês estouvado e amoroso, mês de vindimas, outra deidade, alheia à igreja, vos faz vitoriosa concorrência: nada menos que Baco, o anoso mas sempre moço deus do vinho e do prazer! É êle que arteiramente, por êste tempo, vos subtrai o culto e vos absorve, em seu inteiro proveito, os fiéis. Por isso eu dizia que, francamente, tenho pena, muita pena de vós!

\*  
\* \* \*

Vindimas! Vindimas! Ei-las que chegam, com as suas horas de estuante le-dice, de remoçador afan. Quem vai às vindimas, quem entra nelas, não o faz coagido, e tudo o move menos a ambição do ganho. Compare-se um bando de vindimadores com um da apanha da azeitona ou com outro de ceifeiros. A êstes, o drama bíblico do trabalho como expiação estampa-se-lhes nas máscaras.

Embora por vezes cantem durante a lida, sente-se o travo da tristeza e da revolta nesses cantares. Flagela-os o frio, se a safra é a das oliveiras; é seu verdugo o sol ígneo se andam na colheita frumentária. Naqueles outros, porém, a satisfação íntima, exuberante, esplende-lhes no rosto. Por mais que se fatiguem, por mais voltas e andadas a que a faina de colher as uvas os obriguem, tudo lhes parece folia, tudo tem para êles sabor de festa. Ninguém põe na sua ideia que vai às vindimas para trabalhar, se bem que, a executá-las, se trabuque como nem os moiros trabucam: vai-se lá, sim, para brincar, para rir, para tecer amores, para comer gulosamente, sem conto nem medida, à tripa-fôrra, as mais deliciosas uvas, luzídias e negras umas como azeviche, outras loiras como raios de sol no ocaso. Porque então não há proprietário de vinha que ouse denunciar avareza: regale-se o seu pessoal, embora isso seja furto no produto da colheita! O banquete que assim se faculta aos vindimadores contenta-os e estimula-os a não deixarem nem um só cacho esquecido, nem um bago único desaproveitado.

Quem nunca presenciou uma vindima





não sabe, não calcula de que belo espectáculo se tem privado. Movimento, côr, ritmo, onde os encontrarmos tão intimamente ligados como nesta labuta que, em terras portuguesas, toma de lés-a-lés o mês de Setembro e ainda se mete por Outubro dentro? Velho como o mundo é o cultivo da vinha, e curioso é notar que, com o correr dos séculos, em pouco ou nada a sua feição primitiva se alterou. Tais como hoje são, eram já no antigo Egito as vindimas: certificam-no as pinturas do sepulcro de Nakki. Também na Grécia e no Lácio das recuadas eras o seu processo nada diferia do modernamente usado, conforme os documentos da época. Mesmo entre nós, na idade média, essa permanência de costumes se observa: ide ver, para prova, as encantadoras iluminuras que num códice-missal do século xv, pertencente ao mosteiro de Lorvão, a diligente mão dum fradinho artista desenhou e coloriu. E se vaguearmos, nos tempos actuais, de povo para povo, veremos que em França elas decorrem como na Alemanha, na Itália como na Suíça: aqui ou ali, são sempre pretexto para o esfuziar da alegria sã, para a mocidade expandir o seu ímpeto de viver e de amar.

Em Portugal, onde as vindimas adquirem mais frenesi, onde se tomam de maior animação, é no norte, muito no

Douro, nas ribas de que se assenhorearam as aristocráticas vides criadoras do famoso vinho do Pôrto, e mais ainda no Minho, terra farta do vinho verde, o qual, por ser plebeu, não cede o passo àquele, quando se trata de alegrar os espíritos.

Que descantes aí vão, Deus do céu! Que risadas altas! Que desafôgo! Imaginaí, a pinceladas largas, o quadro— vasta alegoria da fartura e da riqueza! Estamos no Douro, ao abrir de Setembro e ao despertar da manhã. Um bando de vindimadores, a «roga» lhe chamam por lá, deitou-se ao caminho da quinta onde os esperam. Eles e elas, de tôdas as idades, todavia mais gente moça, de sangue na guelra, do que gente já com o pé pesado, abalaram de suas casas ainda antes do sol descerrar as pálpebras. Nesta quadra, até as horas de sono lhes parecem desperdício, pelo que o madrugar não custa. Entes humanos mais felizes, é difícil lobrigá-los à face da terra: trocam-se chalaças, não raro carregadinhas de malícia, que ruborescem as raparigas mais esquivas, e encadeiam-se as cantigas umas nas outras, enquanto os da vanguarda, muito senhores do seu papel de músicos exímios, arrancam ruído, mais estridente do que harmonioso, do bombo e dos ferrinhos. Tocam, dançam e marcham sempre. E assim, sem sombra de

canseira, as léguas têm o tamanho de passos de meninos.

Chegaram ao termo da jornada. Devoram o farnel, que, por excessivamente sóbrio, o proprietário da quinta generosamente avoluma. Depois, cada qual à sua faina, ao mando do feitor: nesse mesmo dia, ou no seguinte, bem cêdo, se enceta a labuta.

Suspensa do braço esquerdo uma cesta, à medida que os vão cortando da videira, com uma navalhita ou mesmo só com a unha do polegar, aí deitam os cachos, não porém sem primeiro serem cuidadosamente limpos dos bagos ressequidos ou



## ILUSTRAÇÃO

mordidos de podridão. Cheias as cestas, os rapazinhos, a quem em geral tal incumbem, despejam-nas nos grandes «cestos vindimos», postos, a espaços, pela vinha além, os quais, por sua vez, logo que atestados, são conduzidos ao lagar, algures nos chiantes carros de bois, aqui às costas dos homens. Esta é talvez a única operação das vindimas de que se eclipsa a alegria; a um de fundo, por veredas abruptas, os carregadores descem, suando, arquejando. É uma procissão negra e dolorida, essa.

Está a vindima no auge. É enorme o alarido e ninguém pensa em mandriar; no que todos rivalizam é em andarem lépidos no colher. Quantos mais cestos encham, mais impam, mais bazófia mostram.

Na região duriense, a vinha é plantada nas encostas bem declivosas das altas montanhas, em socalcos, em «geios». Assim, com piso tão pouco suave, exige a vindima muito maior esforço do que se o terreno fôsse de chã. Contudo, ninguém solta uma queixa, ninguém dá parte de fraco. Em fila, lá andam, agora percorrendo a vinha num sentido, logo no contrário. E a sua cantoria, ora em côro afinado, ora à desgarrada, não cessa, não quebra: as trovas cada vez mais provocantes, como se o aroma das uvas a isso as excitasse, falam de amores, atraem as bôcas, prendem as almas, às vezes, a algumas delas, para sempre! Só a gente juvenil canta e folga? Não essa, apenas. Também os velhos se associam à estúrdia. E não é raro ouvir a qualquer dêles, já com a pele engelhada e o cabelo a alvejar, um cantar brêjeiro que ressuscita a capitosa musa de Anacreonte, «velho divino que ensinava amores aos mancebos», na frase de Castilho, seu perfeito tradutor na nossa linguagem, quando o célebre

poeta grego erguia seu louvor ao outono:

*Ai! quadra das quadras! outono festivo!  
Não tardes! não tardes! em ti é que eu vivo.  
Chegando as vindimas, parecem nascer  
no corpo as fôrças, na mente o prazer,*



ou quando assim definia a velhice:

*Um velho alegre me apraz,  
e apraz-me um rapaz bailando.  
Das cans a côr pouco faz;  
velho, que baila cantando,  
parece velho, e é rapaz.*

Decorreu o dia, a noite vem de mansinho. Faz-se então o regresso ao abrigo, mas sem que a malta folgazã se quiete ainda. Pelo serão dentro prolonga os bailados e o torneio poético. Tarde o sono os vence, para no dia imediato voltarem à mesma lida, à mesma doida folia, até findarem as vindimas.

Depois, passados uns dias, já cheios os lagares e já *adormecidas* as uvas, procede-se à pisa, outro espectáculo não menos interessante, pelos seus aspectos bárbaros, primitivos. Vinte ou trinta homens saltam para dentro do lagar e dão início ao trabalho intenso e violento do esmagar dos cachos. Horas a fio dum dia inteiro, quando não entram pela noite velha, vá

de remexer incansavelmente o mosto, vá de «fazer o vinho!» Hercúleos, semi-nús, bezuntados seus corpos do sumo da uva, aceleram os movimentos ao som de pandeiros e de adufes e de tambores. E essa música selvagem, mesclada de gritos, er-

guge-se, rebôa, estruge que nem a algazarra de cem demónios no inferno.

Salvo ligeiras particularidades, relativas a cada uma das regiões em que se opera, é assim que neste mês de Setembro se procede, por tôda a parte, ao corte da uva — na verdade, a mais concorrida romaria, a mais jubilosa apoteose celebrada, no pleno ar livre, em honra e louvor de Baco, deus borracho e sensual. Vindimas! vindimas!

Impregna-se o ar de acres perfumes, pelas quebradas ecôam canções de tonto desejo, cada retalho de vinha, sob a bênção do sol, é uma tela que um artista ébrio de côr pintou. É estranho é então que, de qualquer curva da estrada, não surja o longo e faustoso cortêjo do velho deus pagão, coroado êle de pâmpanos e rodeado de bacantes em delírio. Porque, na grita dos vindimadores, se de longe a escutamos, parece-nos distinguir a tradicional aclamação: *Evoé! Evoé!*

CÉSAR DE FRIAS.

(Aquarelas de Stuart Carvalhais)



# duas bailarinas



**T**CHERNY e Arti são os nomes de guerra de duas bailarinas russas que há poucas semanas se exibiram num *cabaret* de Lisboa. Eu podia revelar-lhes os seus verdadeiros nomes, mas não vale a pena, sobretudo agora, que já vão a caminho de Nice.

A Arti é um pouco mais alta do que a Tcherny; a Tcherny é um pouco mais morena do que a Arti. O recorte dos perfis e a cor dos olhos são diferentes; contudo, à força de se acompanharem durante anos e de sincronizarem, coregraficamente, as atitudes e as expressões, conseguem ser parecidas. É mesmo provável que dentro de algum tempo cheguem a parecer irmãs gémeas, a ponto de se confundirem, como as alucinantes Dolly Sisters...

A primeira e única vez que as vi dansar em público fizeram-me pena, porque as senti deslocadas, merecedoras dum ambiente menos nocturno e duma assistência mais numerosa. Que diferença entre a juventude saudável do seu sorriso e o clássico esgar das fatais *tonadilleras!* entre a sua agilidade, reveladora dum longo passado de disciplinada ginástica e a pèrra articulação da maior parte das bailarinas fluctuantes!

Aquí entre nós, gostei mais da Arti do que da Tcherny. Achei-a mais fresca, mais *racée*, mais cinematográfica...

Alguns dias depois, o fotógrafo Horácio de Novais mostrou-nos êsses retratos. Fomos unânimes em considerá-los publicáveis e eu ofereci-me, o mais desin-

ALGUMAS ATITUDES DAS BAILARINAS TCHERNY E ARTI, QUE HÁ POUCAS SEMANAS SE EXIBIRAM NUM «CABARET» DE LISBOA

(Fotos Horácio de Novais)

teressadamente que me foi possível aparentar, para ir entrevistá-las. O Horácio deu-me as informações necessárias: «são duas raparigas de trato muito agradável, falam francês correctamente e um pouco espanhol. Quem as conhece bem é o pintor Altberg.»

Fui procurar o Altberg: «nada mais simples; elas vão hoje passar a noite a casa do meu cunhado; aparece às dez horas.»

Apareci. O Altberg apresentou-me e alguns minutos depois dansava um *blue* com a Tcherny.

Fui eu o primeiro a confessar que não há nada mais aborrecido do que uma entrevista forçada, por dever de officio e nada mais agradável do que um *blue* tocado por americanos; e não tive coragem para fazer-lhe perguntas. Mas a Tcherny, (oh! a Tcherny, afinal, interessa-me mais do que a Arti!) foi-me contando um pouco da sua vida.

Achei notável não se declarar filha de nenhum príncipe russo, morto na revolução ou exilado em Paris, nem tentar convencer-me de que o *music-hall* tinha sido, para a sua sensibilidade de alta estirpe, um recurso doloroso, prestes a ser preterido por um suicídio novelesco. Nada disso: foi bailarina porque sim, com convicção e alegria. Trabalhou com a Pavlowa, exibiu-se no Empire e depois nas Folies Bergères...

Quando acabou o *blue*, fui dansar um tango com a Arti, a quem declarei que não há nada mais aborrecido do que uma entrevista forçada, por dever de officio e nada mais agradável do que um tango tocado por argentinos... É claro que também não tive coragem para fazer-lhe perguntas. Mas a Arti (oh! a Arti, afinal, é mais interessante do que a Tcherny!) também me respondeu, com a mesma simplicidade, sem príncipes fuzilados nem dramas íntimos: Conheceu a Tcherny nas Folies, trabalhou com ela, deram-se bem e seguiram as duas em *tournee* pelo sul da França, Espanha e, finalmente, Lisboa. Não podia dizer Portugal, porque daqui seguiriam directamente para Nice.

— É muito difícil arranjar contrato no vosso país e é pena, porque eu e a Tcherny gostamos muito do vosso sol e das vossas praias. Prometeram-nos tratar disso, mas nós não temos tempo a perder; estamos sem dinheiro. O nosso contrato deu-nos à justa para as passagens, o hotel, o dentista e o fotógrafo...

E desfiou-me o rol das despesas, contando pelos dedos, como se pensasse em voz alta.

Apeteceu-me lamentar a nossa proverbial insuficiência, mas contive-me e carreguei as culpas para cima do verão: — Compreende, se fôsse no inverno, era facilimo! Mas agora... todos os casinos já têm os seus artistas contratados!...

— *Qu'el dommage!*

Quando acabou o tango, o Altberg chamou-me de parte para me dizer que a Tcherny e a Arti são filhas de muito boas famílias e que fôra, de verdade, a revolução que as forçara a ser bailarinas. Tanto mais simpáticas, porquanto nem me tinham falado nisso. (E, de mim para mim, fiquei na dúvida se me interessava mais a Arti ou a Tcherny...)

Um dos russos resolveu principiar uma pequena série de brindes, precisamente pela Tcherny. Ajoelhou-se, cruzou o braço direito com o braço direito dela e disse qualquer coisa que eu não percebi, mas que de-



TCHERNY E ARTI NO GRACIOSO BAILADO «OS MARINHEIROS»

(Foto Horácio de Novais)

via ser muito amável, a avaliar pela maneira reconhecida como a brindada inclinou a cabeça, sorrindo.

Até aqui, salvo o pormenor do ajoelhar, tudo se passou exactamente como entre nós, nos banquetes íntimos, quando os convivas mais animados resolvem beber *pelas inclinações* dos vizinhos. Mas os russos vão mais além: — depois de entrechocarem os cálices, a brindada estendeu os lábios, nos quais o invejável conterrâneo depositou três beijos seguidos, com uma leveza, uma calma e uma castidade, que me deixaram perplexo.

Um dos convidados portugueses, a quem este cerimonial fez crescer água na boca,

manifestou desejos de ser iniciado. A Tcherny reagiu, a princípio, mas teve que ceder aos rogos da assistência. Não sei porquê, tive o pressentimento de que aquela iniciação ia dar ráia... E deu!

A razão é simples: — onde o acto exigia leveza, calma e ingenuidade, o português, muito português, não pôde deixar de empregar a violência, a precipitação e a malícia.

A Tcherny fez um *oh, ça, alors!* cheio de espanto e negou-se a receber, depois do primeiro, os beijos que faltavam.

RÚI CASANOVA



# JOSÉ TAGARRO

POR DIOGO DE MACEDO

**T**EMOS que considerar José Tagarro um grande desenhista e um grande retratista.

Comparo-o hoje a Amadeu Modigliani, êsse outro involudável artista que em Paris deu leis de sensibilidade e de talento, com os seus desenhos subtis e extraordinários, e que depois de erguer requintadamente uma obra mestra sem falsidades enganosas, foi, como aquele, morrer num hospital antes de a vida lhe ter chegado a meio. Também me recordo de Manuel Jardim, que buscou um dia aquela singeleza de expressão nos derradeiros desenhos que fêz, mas porque Picasso fôra o seu precursor, não chegara a falar com a clareza ambicionada.

Grandes amigos e grandes artistas que ora evoco, talvez porque a morte irmana os desgraçados, pelo menos na nossa saúde!

Se na nossa terra outros pintores ensaiaram exprimir-se por frases sem adornos ou rodeios, nenhum, porém, o conseguiu tão precisamente como Tagarro. Só um ou outro escultor, em esquemáticos apontamentos, assim manifestou as suas intenções; mas os desenhos dêstes não passam de meias palavras para maiores explicações a dar mais tarde.

José Tagarro foi em Portugal um precioso e original desenhador, como em França o foi «monsieur Ingres». E, no entanto, todo o seu sonho era ir além, para atingir a linguagem formidável de Holbein.

\*  
\* \* \*

Portugal foi na pintura — andam agora lá fora todos os criticos a descobri-lo e a afirmá-lo, a propósito de Nuno Gonçalves, Sanches Coelho, Sequeira e Columbano — um país de retratistas. Predeterminados de visão, só o prazer de criar almas os inspirou. Psicólogos cu simples analistas do exterior, em poucos países se têm caracterizado tão vincadamente nesse género difícil do retrato, os pintores que o abordam. Diz-se que a Inglaterra é a pátria dos retratistas. De acôrdo; mas os retratos ingleses são fantasiosos quando não são simbólicos, assim como os italianos são visionismos adoçados por uma subalter-

nidade de escravidão religiosa. Só os flamengos e os espanhóis foram realistas sem papas na língua, ainda que aqueles arrogantes, e êstes truculentos. Todavia o objectivismo dos pintores lusitanos atinge uma serenidade eterna, uma grandeza sem violentas prosápias, colocando em humana igualdade os retratados e os retratistas. É que sempre o português foi cuidadoso nas proporções e notado pelo respeito à verdade. São intrusos na raça os tiranos que massacraram os sentimentos em serviço do cálculo dominador, ou guiados por nervos sem educação.

No entanto, nem a fantasia falha aos nossos artistas, nem a paisagem é banal para que êles a olhem secundariamente, nem a história é pobre para que nela se não inspirem. Mas é que qualquer facto anormal de sensibilidade leva os nossos pintores a servirem-se dêstes motivos como sugestão de segundo plano, deslumbrados sobretudo pela expressão que as máscaras humanas lhe sugerem, com as quais ergueram a melhor obra que os nossos museus patenteiam. Reparem os estudiosos que tôda a pintura portuguesa brilha e se distingue pelo lado naturalista com que reproduz pessoas — sejam imagens de santos ou de heróis, — pelo aspecto de verdade concreta com que

definem as figuras que a vivifica. Até as concepções de Jesus ou da Virgem, no geral parecem retratos tirados do natural, mais terrenos que celestiais, mais humanos que divinos.

José Tagarro, probo e irrefutavelmente dotado para as artes nobres, não fugiu à regra, não negou a raça, não enganou o temperamento, e foi tão sòmente um retratista. Poucos quadros pintou; e êsses, salvo duas ou três telas em que a sua paleta fraquejou por não sentir a paisagem nem os objectos mortos, foram retratos, imagens de amigos e principalmente a sua própria imagem. Uma dessas pinturas, o duplo auto-retrato em que gravou o seu perfil másculo de pastor bondoso com a côr térrea e queimada dos ciganos, bem merecia que, sem perda de tempo, fôsse arquivada no Museu moderno de Lisboa, antes que qualquer guloso particular de obras de arte, o sequestre à admiração de nós todos, os seus amigos que o adorámos e para



UM DESENHO DE JOSÉ TAGARRO

quem tantas vezes êle serviu de modêlo, emprestando a sua cabeça de romano escravizado e triste.

Há um caso de psicologia do próprio pintor, no qual se prova mais uma vez que os artistas sinceros se reproduzem em tôda a sua obra. José Tagarro era um taciturno. O seu sorriso era maguado. Se ria — e raras vezes riu largamente —, o seu riso parecia uma censura, uma queixa. Dir-se-ia um escárneo melancólico o rictus daquela máscara. Adivinhava a desgraça prematura do seu fim, antes da realização de tantos sonhos, que, à falta de meios e de tempo, não foram além da alma que os sofreu e das confidências íntimas com dois amigos. Trazia agarrado à pele, o *signo maligno* de que Machado de Castro se queixava, falando das coisas de arte em Portugal. Foi um ciúdo em meditação. Vagabundeava ao sol, êsse sol que nostalgicamente adorava com saúdaes da charneca ribatejana donde viera, mas a sua paixão era tristonha e sem esperanças.

Amava intensamente até ao mêdo, mas humilde e tímido de feitio, resignava-se em segrêdo, sem ousar confessar os seus desvairos sentimentais. Quem o freqüentava de perto, tinha de o adivinhar, porque êle, encobrendo com púdicó orgulho essa resignação de consciente escorçado da sorte, nem sequer confienciava as suas aventuras de rapaz, as maluqueiras da sua idade. Modesto e honrado, nunca da sua boca safu uma gabarolice, um desabafo indiscreto ou ufania insensata. E no entanto, não era um reservado; era sòmente um triste.

Tôda essa tristeza, essa consciente seriedade do seu espírito, essa acalmada expressão do seu sentir, êle a reproduziu fielmente na sua formosa obra de retratista. Não há um único desenho em que marcasse um sorriso, sem lhe emprestar a mágua do seu. Nem os retratos de crianças ou mulheres foram mais afortunados de alegria. Todos estão sérios; todos guardam no olhar um queixume de dúvida; todos sonham encobertamente. É uma galeria elegante mas serena.

\*  
\* \*

Vão, no próximo outono, os seus amigos fazer uma exposição de todo o seu labor. Vai o público de Lisboa admirar uma boa centena de retratos. Pois bem; a alma do querido e malogrado artista, por sôbre aquelas fôlhas de papel, se revelará melancolicamente, à espreita da morte que se aproxima.

Aguardemos essa hora para a grande consagração. Essa exposição afirmará definitivamente que morreu, antes de chegar à casa dos trinta, um grande artista português. E então, mais a distância da nossa dôr, virão as histórias anedóticas da sua existência sem fortuna, as recordações de amizade, os exames calmos e as recompensas da posteridade, essa inútil e irrisória matrona que abafará a miséria com que vegetou neste charco da vida, o mais honesto, o mais leal, o melhor camarada e o mais independente que tiveram os *Independentes*.

Podem as religiões, a ciência e até a filosofia justificar a morte. Jamais o coração do homem a aprovará, porque é deshumana a inércia de uma engrenagem que ambicionava um ideal. A eternidade é uma benção, mas não tão grande como a nossa saúde.

Julho de 1931.

DIOGO DE MACEDO.



UM DESENHO DE JOSÉ TAGARRO



José TAGARRO — AUTO RETRATO

# HITLER,



# aspirante a ditador



o novo império, a eterna Alemanha dos poemas Wagnerianos, couraçada de ferro, mirando-se na orgulhosa grandeza do Reno, impondo a sua força aos povos ocidentais escravizados... Como realizar a quimera? Ninguém sabe. Hitler mantém-se numa nebulosa exaltação messiânica. Promete, promete, canta a vitória certa... *Alemanha, acorda!* E a velha alma crédula do germanismo renasce, febril e humilde, sob o comando da sua voz firme.

As fases que tem atravessado a vida política germânica, prestam-se a uma imagem bizarra. Foi, logo a seguir à guerra, a fase em que o trunfo era copas. Uma Alemanha em forma de coração, idílica e fraterna, declarando, em Locarno, em Thoiry, em Genebra, através dos discursos de Stresemann, o seu amor pela França, por tôdas as nações suas vizinhas. Depois, o trunfo passou a ser ouros. Os trusts bancários encheram de milhões de marcos a imprensa de Hagenberg e as organizações de Hitler, sob o símbolo famoso da cruz geminada... Não tardou, porém, que o trunfo mudasse para os páus. Os bastões brancos dos schuppos dissolviam, sem contemplações, os tumultos entre bolchevistas e racistas. E agora? Conseguirá Hitler, conseguirão os *Capacetes de Aço*, transformar o trunfo em espadas, e dar o golpe em direcção à ditadura — ou irá a Alemanha para o seu trunfo dos agentes de Moscovo?

Olhemos, nesta hora, para Hitler. É a sua hora de cartaz. Amanhã, será um ditador, ou um aventureiro falhado. *Alemanha, acorda!* Hitler acordon-a. E a Alemanha, de olhos abertos, pergunta-lhe o seu destino...

JOÃO AMEAL.

CHAMARAM, a Lenine, um vagabundo miscrá-el... Chamaram, a Staline, um primário megalómano... Chamaram, a Mussoline, um faminto camarvaresco... Chamam agora, a Hitler, o desertor austríaco... Dir-se-á que a história dos ditadores da Europa moderna se ergue, paradoxal e triunfante, das etiquetas afrontosas que o ódio dos seus inimigos lhes atribuiu...

Mas Hitler será, na verdade, o futuro ditador alemão? É, pelo menos, um candidato. E um candidato que tem feito, nos últimos tempos, certos progressos impressionantes. Tôdas as acusações o alvejam. Tôdas as contradições da sua vida e da sua política lhe são apontadas como estigmas. Campeão dum nacionalismo extreme, é um simples austríaco, nascido em Braunau, junto à fronteira bávara. Apóstolo do anti-semitismo, a sua ligação com uma princesa judia milionária tornou-se a fábula dos caricaturistas da esquerda. Paladino teatral, ao lado do seu amigo Seldte e dos *Capacetes de Aço*, da reacção militarista — recusou o serviço militar na Austria, sua pátria. Eloquente adversário do capitalismo, são bem conhecidas as suas ligações com alguns dos maiores sindicatos financeiros da Alemanha...

Não importa. Insultado, ridicularizado, mas temido, Hitler segue o seu caminho. Nas formidáveis reuniões do seu partido, surge como um idolo — alto, louro, flexível, usando uma linguagem brutal e inspirada de fanático, lançando fórmulas duras às massas entusiastas. Sobretudo, os seus estranhos olhos azuis electrizam e inquietam as assembleias. Olhos ardentes e misteriosos de sonhador, que promete grandiosas e terríveis coisas: glórias e hecatombes, desforras e conquistas, o panorama trágico e frenético da futura catástrofe donde sairá



## „Wenn in Thüringen gekämpft wird, dann wird gegen Wirth gekämpft“

Das deutsche Thüringen führt den Kampf gegen den schwarzen Marsch

Vom Genfer Abrüstungstheater:

Jede Abrüstung wird schroff abgelehnt — Belgien antwortet mit neuen Rüstungen

**Die deutsche Thüringen führt den Kampf gegen den schwarzen Marsch**

Die deutsche Thüringen führt den Kampf gegen den schwarzen Marsch... (The text is partially obscured and difficult to read in detail, but the headline is prominent.)



O JORNAL OFICIAL DO PARTIDO DE HITLER E UM ORADOR RACISTA



Estas páginas . . .

Estas páginas são as duas salas da tertúlia da Ilustração... Há sempre uma hora no dia em que nos fatigamos de jogar ao sizudo, e em que nos apetece jogar ao bilhar... Não resistimos... Largamos tudo, largamos a tesoura que corta a casaca das fotografias, pegamos nos tacos e começam as caramelas...

— Ora agora dize tu...  
— Ora agora digo eu...

Um censurável tributo à má língua nacional? Um vício alfacinha? Um processo deslegrante de ser português? Não creiam, não julguem tal, por amor de Deus... Nunca lhes aconteceu brincar com os amigos, com os amigos mais queridos, arrelia-los, beliscá-los, estudar-lhes as reacções? Esses amigos podem amuar, podem não gostar do tiro ao alvo, que lhes vai descobrir certas fraquezas, mas, no dia seguinte, já não se lembram do seu papel de vítimas e passam a ser os alardadores... A vida sem piparotes, sem beliscões, seria uma coisa mole, insípida, rastejante, sem graça nem vibração... Há que fazer ginmástica, a ginmástica respiratória da inteligência, há que ter sempre uma resposta na ponta da língua, na ponta da caneta... Fica, pois, entendido que as gracinhas do «Parque das Atracções» não pretendem magoar os pacientes, que são ridículas, portanto, as impaciências de quem tiver pêlo... É preferível ter uma péla e jogar o tennis comosco... Se Ramada Curto quiser pôr uma legenda à caricatura do péssimo crítico do «Diabo em casa», não hesite e sirva-se. Se Leitão de Barros quiser vingar-se de Bernardo Marques não faça cerimónia: pegue no lápis e zurza-o... Bernardo, o desenhador português que nunca mais acaba («Viagem à Lua», de Júlio Verne...), dá pano para mangas, para mangação, se me perdôa esta pecha detestável dos trocadilhos, o meu tabaco inferior, o meu tabaco forte... Está, pois, combinado. Aqui ninguém se zanga... E quem se zangar tem dois trabalhos...

ANTÓNIO FERRO.

canonissel



AGUARDA-SE, COM IMPACIÊNCIA, QUE SAIA O SEGUNDO NÚMERO DA «VIDA», A SIMPÁTICA REVISTA DO SR. CANELAS... HÁ OS ETERNOS PESSIMISTAS QUE AFIRMAM QUE O TERCEIRO NÚMERO JÁ NÃO SAÍRÁ... QUE IMPORTA? ESTA «VIDA» SÃO DOIS DIAS...

O SR. DR. LUÍS MACIEIRA MORA EM FRENTE DA ESTÁTUA DO ADAMASTOR, QUE ESCURECE OS ARES DO JARDIM DO ALTO DE SANTA CATARINA... A FILHA DE LUÍS MACIEIRA, UMA CRIANÇA DE CINCO ANOS, ESPERTA E FINA COMO OS PAPÁS, INTERPELOU ASSIM UM AMIGO DA FAMÍLIA:

— CONHECES O ADAMASTOR?  
— EU NÃO...  
— POIS EU CONHEÇO MUITO BEM... É UM PEDREGULHO QUE ESTÁ ALI EM FRENTE DA NOSSA CASA...

COMENTÁRIO INFALÍVEL DIANTE DA ARQUITECTURA, À LE CORBUSIER, DO CASINO NOVO DO ESTORIL:

— GOSTO MUITO POR DENTRO... POR FORA ACHO DETESTÁVEL...  
COMO SE AQUELE CASINO «POR DENTRO» NÃO FOSSE UMA CONSEQUÊNCIA LÓGICA DO CASINO «POR FORA»...

HÁ UMA SUECA... E QUE SUECA! — NO ESTORIL-PALÁCIO, QUEM É? QUEM NÃO É? ARTISTA DE CINEMA? CASADA? SOLTEIRA? DIVORCIADA? MIL E UM «POTINS», MIL E UMA HIPÓTESES... AS IMAGINAÇÕES TRABALHAM, ESFALFAM-SE...

ESTORIL... AR LIVRE... NATAÇÃO... TENNIS... GOLF... GYMNÁSTICA SUECA...

O HOMEM DO REALEJO



UM AUTO-RETRATO, FEITO AO ESPELHO, QUE PODE LEVAR À LOUCURA — (Desenho de Botelho)



Leitão de Barros ou o homem dos sete instrumentos: aguarela, jornalismo, ilustração, cenografia, teatro, festas e mais festas, cinema, etc., etc... Parte no dia 9 para o Brasil, para a África, para Madrid, para Paris, para o Estoril... Parte-se todo aos bocadinhos para fazer muitas partidas... Alguém no nosso meio, um dos inventores de Lisboa... O realizador-tipo... «Vou fazer um jornal... Não tinha pensado nisso até essa altura. Mas o jornal está feito daí a alguns dias... «Vou fazer uma fita», aspás, aspás... «Vou fazer uma grande fita», etc., etc... É professor do liceu e chega às aulas (quando chegam...) ao som da marcha do «Timpana» cantada, pelos rapazes, nos corredores...  
 — Menino! Qual é o rei mais popular de Portugal...  
 Resposta pronta:  
 — O rei das Traquitanas...  
 «Leitão de Barros», um grande «faz-tudo» português, que vai fazendo alguma coisa, muita coisa...

## TAPETE ROLANTE

O velho Braga

Erico Braga estava óptimamente bem disposto no dia da inauguração do Casino Novo do Estoril. Durante o jantar à americana foi o verdadeiro animador da mesa da Imprensa, mesa onde Erico não era um hóspede, porque o simpático artista pertence à classe desde que principiou a *costurar* umas coisas no *Diário de Lisboa*... Erico dançou sem sair do seu lugar, recitou sonetos de Camões «à moda do Minho», e lançou várias edições do «Estudante Alsaicano»... De quando em quando, em pleno silêncio, Erico levantava-se e começava:

Antigamente a escola era risonha e franca...

Erico fazia parte do programa. Depois do jantar, que o dispôs tão bem, teve de ir recitar, a abrir o espectáculo, dois sonetos dramáticos, tristíssimos, de fazer chorar a pessoa mais alegre... Recitou o primeiro soneto, e o numeroso público dos seus amigos apenas se aperceberam dos seus gestos melodramáticos, braço para aqui, braço para acolá!... Nem uma palavra... Puro cinema silencioso... Acabado o primeiro soneto (ê ele teria dito os 14 versos?), ouviu-se, finalmente, a voz de Erico, uma voz zangada, uma voz «severa»... Que dizia a voz? Esta coisa misteriosa, esta charada a prêmio: «Do mesmo autor!» Do mesmo autor? Qual autor? Erico tinha-se esquecido, ao entrar

no palco, de declarar qual era a paternidade do primeiro soneto, e a sua expressão *Do mesmo autor*, solta com ar de desafio, deixou a sala perplexa... E até hoje ninguém conseguiu ainda arrancar-lhe o nome do autor, «do mesmo autor»...

Acabado o espectáculo, Erico, acompanhado pelos seus amigos jornalistas, fêz uma *tournee* pelas várias salas do club com um escolhido repertório de canções populares, tipo 1900: «Voga, voga, marinheiro...», «A avesinha implume», «E o passarinho, piu, piu...». Cristóvão Aires, Leitão de Barros, António Ferro, Augusto Pinto, Luís Teixeira, Artur Maciel e o «Almirante Morais Pinto», prestaram-se, gentilmente, a servir de côro ao nosso Chevalier com grande espanto da assistência, que nunca julgou que aqueles senhores, «tão conhecidos», fôsem capazes de brincar como umas crianças... E era tal a surpresa que os ditos jornalistas se arrependeram e voltaram à primeira forma, «à sua apagada e vil tristeza...».

Erico Braga é que não se arrependeu e continuou a distribuir, aos domicílios, os fascículos da sua magnífica alegria... Erico Braga sabe, talvez por experiência própria, que tristezas não pagam dívidas... Na altura da ceia à americana, Erico, que lá estava no seu posto, na mesa da Imprensa, levantou-se empunhando um sumptuoso cacho de uvas e cantou, para os seus companheiros de mesa, a célebre e estafada ária:

*Tu não tens «raisin»...*

Na sala de jôgo, ainda virgem, ainda por estrear. O «Almirante Morais Pinto», que se «ausenda», freqüentemente, por êsses mares fora, dirige-se, aflito, para Erico Braga, com uma ponta de cigarro na mão, e pergunta-lhe:  
 — Não vejo onde estão os cinzeiros... Para onde devo deitar isto?...

E logo Erico Braga, olhando a mesa da roleta intacta e sedutora:

— Joga no encarnado...

**A aldeia dos macacos** No hall do Casino Novo há um grande espaço, poiso dos freqüentadores ociosos e neurasténicos, com alguns *jauteuils-maples*, bastante confortáveis e uma grande palmeira ao centro com uma ninhada de vasilhos. Pois sabem como chamam a êsse lugar?

— A aldeia dos macacos.

Resultado: só lá vão sentar-se os desprevenidos... E aqui está como uma «boa piada» ameaça estragar um dos poisos mais confortáveis e mais agradáveis do Casino.

O MARCADOR.

## JORNAL LUMINOSO

Um dos números mais interessantes do programa das festas do 5.º Congresso Internacional da Crítica será, com certeza, a Festa das 15 nações, a realizar no Casino novo do Estoril, e em que tomarão parte as «estrelas» mais aplaudidas dos nossos teatros populares.

— O nosso camarada Luís Teixeira prepara um livro de contos que tem êste sugestivo título: «A Linha do Horizonte».

— A peça de António Ferro, a representar na próxima época, é uma peça de ambiente político mas com um drama psicológico no primeiro plano que reduz êsse ambiente a um simples pano de fundo.

— No próximo número publicaremos um interessantíssimo artigo do grande crítico de Arte francês André Salmon, especialmente destinado à nossa revista: «O pintor Pascin em Portugal».

— Jorge Barradas prepara, para outono, uma exposição de assuntos coloniais, recordações vivas da sua passagem por S. Tomé.

— A semana portuguesa na Exposição Colonial só terá lugar a realizar-se, na primeira quinzena de Outubro.

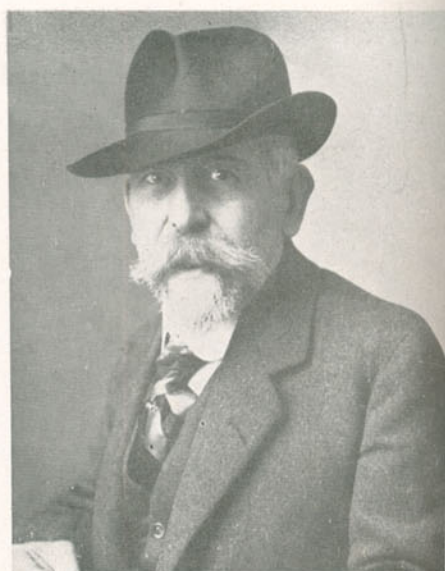


# DE ATRACÇÕES

# A C T U A L I D A D E S



OS SÓCIOS DO CLUB DOS FENIANOS, DO PÓRTO, COSTUMAM FAZER, TODOS OS ANOS, EXCURSÕES NO RIO DOURO. ESTA FOTOGRAFIA MOSTRA-NOS OS EXCURSIONISTAS NA QUINTA DOS FRADES, PERTO DO PÓRTO — (Foto Platão Mendes)



## HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A MORTE DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, AUTOR DRAMÁTICO DOS MAIS GLORIOSOS QUE PORTUGAL POSSUÍ, ACADÉMICO EMINENTE, INVESTIGADOR HISTÓRICO E POETA, COBRIU DE LUTO AS LETRAS PORTUGUESES.

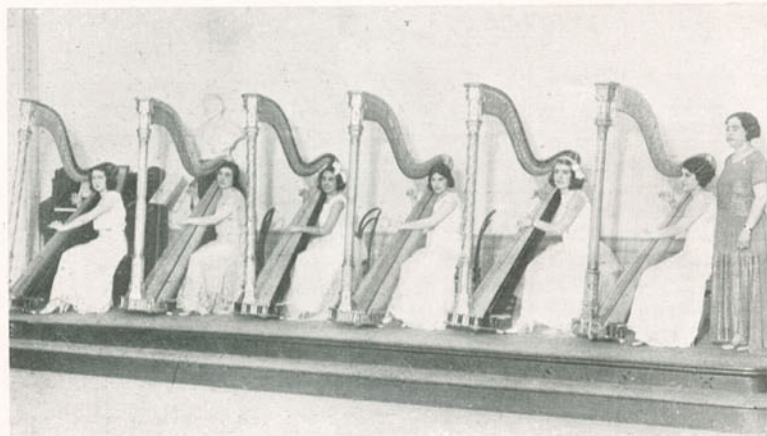
O GRANDE ESCRITOR DEIXA UM LUGAR VAGO, TALVEZ IMPOSSÍVEL DE PREENCHER, PORQUE NÃO É FÁCIL CONSEGUIR REUNIR NA MESMA PESSOA AS QUALIDADES QUE FORMAVAM A PERSONALIDADE DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA E O DISTINGUÍAM: TALENTO, ARDOR PATRIÓTICO, CARÁCTER ÍNTEGRO, MODÉSTIA E AMOR AO ESTUDO.

DEIXA UMA OBRA NOTÁVEL, QUE LHE GARANTE A IMORTALIDADE. AS SUAS PEÇAS HISTÓRICAS FICAM, PARA SEMPRE, LIGADAS À HISTÓRIA DO THEATRO EM PORTUGAL. MARCAM UMA ÉPOCA, O MOMENTO GLORIOSO DUMA ÉPOCA, — PELOS SEUS VERSOS CHEIOS DE CÔR, PELAS SUAS SITUAÇÕES, PELA SUA TÉCNICA.

AS SUAS NOVELAS HISTÓRICAS FICAM COMO DOCUMENTOS DO MEU PURO PATRIOTISMO...

ENQUANTO HOUVER OLHOS PORTUGUESES NÃO DE SER LIDAS COM INTERESSE, COM ENTUSIASMO, COM FERVOR!

INFELIZMENTE, «ILUSTRAÇÃO» NÃO PODE, NESTE NÚMERO, DEDICAR AO GLORIOSO ESCRITOR MORTO, O ESTUDO QUE A SUA OBRA E O SEU CARÁCTER MERECIAM. POR HOJE, SÓ QUEREMOS MANIFESTAR A MÍGALA QUE NOS PROVOCOU A MORTE DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, QUE COBRIU DE LUTO AS LETRAS PORTUGUESES.



A DISTINTA PROFESSORA DE HARPA, SR.<sup>a</sup> D. JULIANA FALCÓNTERI TEIXEIRA DE OLIVEIRA, MUITO CONHECIDA NO PÓRTO, COM AS SUAS DISCÍPULAS, NA AUDIÇÃO REALIZADA, HÁ DIAS, NO SALÃO DO CENTRO COMERCIAL



REALIZOU-SE EM COIMBRA O CASAMENTO DA SR.<sup>a</sup> D. ALICE MACHADO MENESES E CASTRO COM O SR. JOSÉ LIBERTADOR FERREZ FERREIRA, TENDO ASSISTIDO À CERIMÓNIA AS MAIS ELEGANTES FAMÍLIAS DE COIMBRA



O ESTADO EM QUE FICOU O GABINETE DA ENBAIXADA DE PORTUGAL EM MADRID, DEPOIS DO NEFANDO ATENTADO À BOMBA, QUE PROVOCOU A MAIOR INDIGNAÇÃO NO PAÍS VIZINHO — (Foto Orrios)



LA Toja, onde venho de passar alguns dias—uma das ilhas da doirada ria de Arosa—com as suas termas, o seu palácio opulento construído para receber o rei Eduardo VII de Inglaterra, e a ponte monumental que a liga à costa verdejante de pinhais, é, não só uma das mais célebres estações de cura, mas uma das mais belas estações de prazer da Espanha. Poucas vezes me tem sido dado admirar um espectáculo tão surpreendente, como aquele que nos oferece o trajecto, em automóvel, de Vigo a La Toja, contornando a ria numa manhã de sol claro, quando tudo lampeja, e cintila, e corusca—os montes, o mar, o céu, a rocha, o arvoredado—dando-nos a impressão ofuscante de um formidável espelho horizontal que reflectisse, em clarões azues de água quieta, o esplendor

luminoso das margens. Quando me instalei no magestoso palácio e desci ao *dining-room* para almoçar—uma fria sala de colunas que me lembrou o *Claridge's* de Londres—encontrei já ocupadas tôdas as mesas da galeria sul, donde se domina a ria e o *court* de *tennis*. Gente elegante,—ingleses, poucos espanhóis, bastantes argentinos. Disponha-me a esperar, pacientemente, que alguma das mesas vagasse, quando uma voz conhecida me falou e dois braços amigos me estreitaram:

—Tu, aqui?

Era um português, o visconde de Valadares, que almoçava com a mulher e que me convidou a sentar-me à sua mesa. Aceitei. A companhia não podia ser mais estimável. O visconde, meu velho amigo, elegante da minha idade e

do meu tempo, tipo dos galãs de cabelos grisalhos criados pela literatura francesa contemporânea, homem de hábitos aristocráticos e de tendências intelectuais, fino, amável, esbelto, moreno—dêsse moreno acobreado e ardente de que as mulheres gostam—, dextro no espírito e nas armas, conversador brilhante a quem não ficaria mal o colete amarelo do velho Sottomayor de Stockolmo,—o visconde de Valadares era um companheiro ideal para alguns dias de repouso, e eu felicitei-me intimamente por tê-lo encontrado no meu caminho. De mais a mais, tinha a seu lado uma mulher encantadora, com quem se casara havia dois anos, que eu não conhecia ainda, e a quem fui apresentado com uma familiaridade que nos pôs imediatamente à vontade a ambos,—a mim e a ela. «Vou casar com uma rapariga francesa que podia ser minha filha—escrevera-me êle, na sua última carta de Nice—e que me adora como se fôsse minha mãe.» Com efeito, logo que nos desprendemos do nosso abraço, Pepe Valadares (como nós lhe chamavamos na intimidade) voltou-se para a mulher que se sentava à sua mesa, vinte e poucos anos, loira, flexuosa, perfil enérgico, um *sweater* de sêda branca, as pernas nuas, os olhos pintados de azul, interessante rapariga que me deu a impressão de ter deixado a *raquette* para vir almoçar, e, depois de lhe ter dito quem eu era, apresentou-ma com a mais graciosa simplicidade:

—*Mademoiselle ma femme...*

—*Oh! Mais c'est trop fort, par exemple!*—sorriu ela para o marido, estendendo-me, afectuosamente, a sua mão sem jóias.

Na realidade, quem os visse e os não

conhecesse tinha a impressão de que eram pai e filha. E, entretanto, não me foi difícil observar que, dos dois, a verdadeira apaixonada devia ser ela. Os grandes amorosos dos quarenta aos cinquenta anos estão na sua hora, e não sei que singular atracção, que perigoso domínio os cabelos quasi brancos exercem sobre as raparigas do *après guerre*. Conversámos. Admirei a ria luminosa, o pinhal cujo verde intenso tinha, sob as labaredas do sol, um brilho de esmalte; e depois — porque a mulher é sempre, para mim, um motivo de estudo — entretive-me a analisar, feição por feição, gesto por gesto, a deliciosa criatura que se sentava ao meu lado. Não era, positivamente, uma mulher bela; mas possuía o encanto penetrante das raças finas, a beleza atraente da pele, um pescoço delicado de cisne branco, um perfil ao mesmo tempo espiritual e forte (lembrei-me, ao vê-la, de certo retrato de Latour, que eu admirara no Louvre), uma elegância natural, uma expressão de inquietante inteligência, que impressionava. Não tirava os olhos do marido. Pelo contrário, o visconde de Valadares, enquanto falava — e falava sempre — parecia olhar com certa insistência uma mulher alta, morena, escultural, de braços nus, que viera sentar-se à mesa próxima da nossa. Daí a pouco, Renée (era o nome da viscondessa) surpreendia os olhares indiscretos do marido e, já manifestamente enervada, increpava-o:

— *Voyons... Qu'est ce que tu regardes là?*

Não conheço nada mais incómodo, para quem assiste a êles, do que êstes pequenos incidentes entre marido e mulher. Procurei distraír a atenção de Renée falando-lhe de um assunto que me parecera interessá-la: a música e os bailados russos. Conte-lhe que vira em Paris, pela companhia de Pavley-Oukrainsky, o *Après-midi d'un faune*, realização de Nijensky inspirada no admirável prelúdio de Debussy e nos versos de Mallarmé, reproduzindo as figuras de bacantes recortadas sobre o bôjo das crateras gregas. Descrevi-lhe, o melhor que pude, o *Pássaro de fogo* e *Petrushka*, as obras-primas do génio maravilhoso de Stravinsky. Mas ela não me ouvia. Olhava, ora o marido, ora a desconhecida, com uma perturbação evidente; as mãos tremiam-lhe; nos olhos, muito brilhantes, adivinhavam-se já duas lágrimas. De re-

pente, quando Pepe Valadares, a propósito da Karsovína, fazia o elogio das mulheres de olhos negros, sólidas e esculturais como a Eva da capela sixtina, a viscondessa levantou-se, estendeu-me a mão num sorriso contrafeito, e, como o marido lhe perguntasse porque interrompia o almôço, respondeu-lhe seccamente:

— *Je ne veux pas te déranger, mon ami.*

Pepe acompanhou-a, e voltou daí a poucos minutos, sozinho, mas alegre e bem disposto como se nada de desagradável se tivesse passado. Ficámos os dois, à mesa, tomando café. A ornamental mulher dos braços nus olhou ainda para o nosso lado, mas o meu amigo já não lhe deu a mínima atenção. Acendeu um cigarro, e enquanto, na atmosfera doirada, revcavam os gaivotões bravos, disse-me, num tom de convicção inefável:

— Sou um homem feliz.

— Sobretudo com as mulheres...

— Casei aos cinquenta anos com uma rapariga de vinte e cinco, e em vez de ser eu que tenho ciúmes dela, é ela que tem ciúmes meus.

— Com razão. Se tu namoras assim ao pé de tua mulher, que fará longe dela!

— Enganas-te, meu amigo. Eu só namoro, ou antes, só me deixo namorar, quando minha mulher está ao pé de mim.

— Mas porquê?

— Porque isso é necessário à nossa felicidade.

— Tu és um *blagueur* admirável, Pepe!

— Asseguro-te que estou falando sério. Eu preciso de cultivar o ciúme da minha mulher, como quem cultiva uma planta rara. Tenho cinquenta e dois anos, meu amigo, e sinto a necessidade de me defender. Vocês, literatos, costumam dizer mal do ciúme das mulheres. É que nunca pensaram em quanto vale êsse sentimento incómodo, se o homem que verdadeiramente ama souber utilizá-lo e tirar partido dêle. Minha mulher foi a minha última paixão, e creio que é a maior de tôdas. Para que ela não sinta que envelheço ao pé dela, para que ela se lembre o menos possível de que tem ao pé de si um homem que podia ser seu pai, preciso de manter cada vez mais vivo o seu interesse por mim; e o interesse duma mulher — sabe-o bem a tua experiência — estimula-se sobretudo pelo ciúme. Enquanto ela me sentir que-

rido, adorado, pretendido por outras mulheres, enquanto ela vir que há ainda quem me dispute ao seu affecto, tenho a certeza de que vivo no coração de Renée, cercado, como há dois anos, da mesma auréola de entusiasmo e de paixão. Mal de nós outros, meu amigo, quando as mulheres que amamos se persuadem de que só elas gostam de nós! Podemos fazer as malas, porque estamos perdidos. É por isso que, se uma mulher qualquer, deslumbrada pelas minhas ruínas — que ainda são aceitáveis... — me lança olhares comprometedores, como aquela, eu aproveito logo, e faço-o de maneira que minha mulher o compreenda imediatamente. Ela sofre? Talvez. Mas, no fundo do seu sofrimento, há alguma coisa de agradável. Esquece a minha velhice, que se avisinha; pensa que êste terrível *homme à femmes* é, afinal, apenas seu, porque é seu marido; e, amando-me cada vez mais, tenho a certeza de que há-de ser cada vez mais feliz. Não te parece?

Quando o meu amigo acabou de falar, a viscondessa, esbelta no seu *sweater* branco, um chapéu branco na cabeça, a *raquette* na mão, estava já no *court de tennis* — vi-a através da galeria envidraçada — com dois rapazes e uma inglesa ruiva e atlética, que almoçara perto de nós e que fumava como um homem. Acendi outro cigarro, e limitei-me a perguntar ao meu amigo:

— Ouve lá. E se tua mulher, pensando também na tua felicidade, te fizer o mesmo que tu lhe fazes?

— Impossível! — exclamou êle, num sorriso de profunda confiança.

— Impossível, porquê?

Nisto, Pepe viu a mulher, levantou-se da mesa, e tão perturbado que se ia esquecendo da cigarreira de ouro, disse-me apenas, travando-me do braço:

— E se nós fôssemos até ao *tennis*!

JÚLIO DANTAS.





# Fatos de banho

«Nã há mal que sempre dure nem bem que sempre ature»...

O que se torna às vezes difícil é saber onde principia o bem...

A moda foi sempre alvo de muitas atenções, de muitas calúnias, de muita maledicência, mas sem ela, sem as caprichosas exigências que caracterizam a *hora elegante de todos os tempos*, o que seria de nós, o que seria das revoltadas, das mulheres bonitas, das mulheres feias, das mulheres nem bonitas nem feias, das que se julgam novas, das que se julgam altas, das que se esforçam por parecer morenas, das que não desistem de se conservarem... brancas?

A moda auxilia o rejuvenescimento físico e moral de tôdas as mulheres que a ela recorrem nos momentos de abatimento, nas horas de tédio, nos minutos de enervamento ou de dúvida.

Em vez de chorar — as lágrimas tiram a graça e a expressão do olhar — a mulher elegante dos nossos dias, depois duma decepção de amor, manifesta a sua contrariedade — não ousa dizer o seu desgosto — duma forma muito mais singular e muito menos exaustiva: faz as sobrancelhas e as unhas, cuida mais do que nunca da sua *mise-en-pli*, acentua o colorido da boca, estuda atitudes e copia *toilettes*...

A que devemos nós uma tal ausência

## ILUSTRAÇÃO



de sentimentalismo nos corações femininos? Aos decretos da moda que não autorizam, de modo algum, o mais leve esbôço de cansaço ou de preocupação.

A moda não dá às mulheres de hoje o direito de sofrerem. E o que é mais extraordinário é que nenhuma se revolta, nem a mais inteligente, nem a mais culta, nem a melhor dona de casa, nem a mais *prude*, nem a mais arrojada... A moda respeita-se sempre e, quanto mais disparatada é, mais prestígio tem.

A ressurreição dos fatos de banho compostos, decentes, muito diferentes dos que publicamos nesta página, é a reabilitação momentânea das ousadias passadas.

Jean Patou acaba de lançar dois novos modelos. O primeiro é formado por uma saía de pregas iguais que modifica em absoluto a silhueta feminina. Esta saía é de *jersey* castanho bem como o casquinho. O colete é às riscas nos dois tons *beije* e castanho.

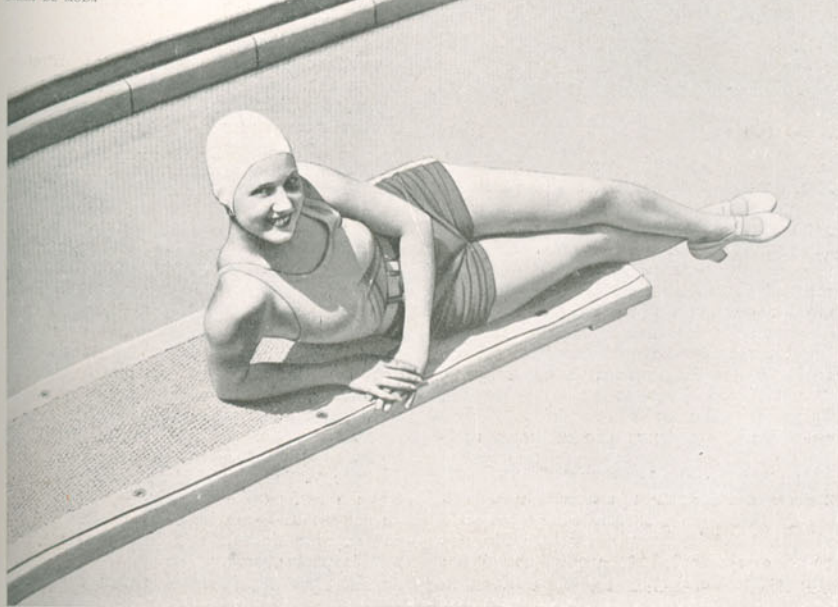
O outro fato é composto dumas calças de *jersey* de lã cõr de laranja e dum colete cõr de laranja e marron.

É tal a preocupação que as mulheres têm de se apresentar bem vestidas à hora do banho que nenhum pormenor é esquecido: boinas, cintos, algibeiras e luvas, fazem parte das modernas *toilettes* de banho. A má língua não conseguirá agora *fazer das suas*. As elegantes de hoje desistiram de evidenciar encantos nas praias. A hora do banho que era, até aqui, uma hora terrivelmente sugestiva de pensamentos ousados, passou a ser uma hora casta, repousante, de inatacável beleza.

A tímids, porém, passou de moda. Os pijamas, que se usam na praia, — grandes calças de corte clássico acompanhadas de *sweaters* de malha — são a prova suficiente do audacioso desembaraço das mulheres de hoje e ar *dégagé*, despreocupado, é o único ar que diz bem com a moda actual, como a reserva e a modéstia condiziam admiravelmente com as grandes capotas de fitas das nossas avós...

NELLY.

DOIS MODELOS DE FATOS DE BANHO QUE JÁ PASSARAM DE MODA



# VIAGEM AO PAÍS DAS CAMÉLIAS, DOS FADOS E DAS CARAVELAS



A DISTINTA ESCRITORA MARTHE OULIER

**Q**UAL é, na primavera do ocidente, o país florido onde toda a vegetação da Europa e da África se confundem, onde as árvores de Judeia e as glicínias se cruzam sob as palmeiras e os eucaliptos? Qual é o país onde surgem da folhagem, como rosetas vermelhas, as camélias de pétalas apertadas que o menor contacto magoa, e onde as perónias brotam junto dos alôes, entre os fetos arbórescentes?

Qual é o país onde vivem eternamente, na pedra e na menfória, sobre os frescos e sobre os azulejos, como um símbolo e como um estímulo, as gloriosas caravelas ventruadas e empavesadas?

Nesse país de Portugal as casas são vestidas de azulejos e as igrejas, forradas de talha dourada, são sustentadas por colunas pesadas, evocadoras de templos hindus!

Portugal volta as costas à Espanha que

outrora o tratou rudemente, e olha de frente o oceano que viu as suas glórias. Mergulhado no seu belo sonho, pouco o interessa o que se passa na Europa, mas não ignora que, se ocupa um pequeno espaço no mapa do continente, não deixa, por isso, de conservar o 3.º lugar entre os povos colonizadores.

É para além dos mares que estão os mais belos tesouros de Portugal, impérios criados por ele e por ele dotados duma língua e duma tradição. Pequeno país da Europa, mas pai dum dos maiores impérios do mundo — o Brasil — e duma das melhores colónias de África — Angola — que tem 30.000 quilómetros de estrada.

Se um navio português navega nas paragens da Índia, pode ancorar em portos onde flutua a bandeira portuguesa. Quanto aos Açores, que dizer? Este arquipélago é um outro jardim de Portugal, com as suas acá-

cias que, depois de cortadas, vão forrar de madeiras assetinadas certas casas de Lisboa. Romanesca aventura a desta raça temerária que partiu à conquista do mundo e cujos navegadores, muito antes de Vasco da Gama, enviavam ao seu rei secretos relatórios sobre as suas descobertas de África.

Um momento houve em que estiveram nas mãos dos portugueses todos os pontos estratégicos do caminho das Índias — os verdadeiros e não os de Cristóvão Colombo.

De resto, segundo uma tese recente, Colombo, suposto genovês ou galêgo, seria possivelmente um português proscrito, visto ser casado com uma portuguesa de origem nobre, que nunca teria descido a ligar-se a um comerciante estrangeiro.

Estas descobertas do século xv não foram feitas ao acaso por aventureiros felizes: foram o resultado duma obra de grande fôlego, nascida no promontório de Sagres, onde o Infante D. Henrique, o Navegador, havia instalado a sua escola náutica e formado os seus capitães.

Este carácter aventureiro e arrojado dos portugueses revela-se ainda através dos *raids* aéreos, que são o moderno aspecto da Aventura. Foi um português, o almirante Gago Coutinho, que adaptou o compasso marítimo à navegação e foi ele ainda o primeiro a atravessar o Atlântico, em hidro-avião, acompanhado por Sacadura Cabral, em 1922.

## AS RAINHAS DO TEJO

As mulheres, neste doce país florido e cortês, neste país onde se conservam, num museu, os mais preciosos coches do mundo, (saídos, sem dúvida, dos contos de fadas...) têm a languidez, o sorriso e a voz harmoniosa de *Belles aux bois dormant* ainda meio adormecidas. Como têm maridos ciumentos, — também como nos contos de fadas... — vivem como as princesas de outrora, saem pouco e não são nada desportivas. Não me lembro de ter visto uma só mulher de bicicleta!

Em compensação, no campo, é a mulher que substitui o burro como animal de carga. Com um equilíbrio notável e um andar bem ritmado, transporta à cabeça, sem o auxílio das mãos, os mais estranhos objectos: bilhas, barris de água, molhos de lenha e até cecelhões enrolados. Nunca dão um passo em falso e a história de Perrette e da bilha de leite nunca seria possível em Portugal. Durante duas horas, numa fonte do Luso, fiz como aquele inglês que queria por força ver o leão comer o domador. Durante duas horas estive à espreita do momento em que uma das mulheres, que numa fila palradora e contínua, vinham encher a bilha, deixasse cair a sua. Não me serviu de nada esperar. Sobre as rodilhas, as frágeis bilhas de barro continuaram firmes e algumas há que passam de geração em geração...

## OS FADOS

As varinas, originárias de Aveiro, sabem, como todos os portugueses da beira-mar, sobretudo os de Lisboa, arrancar do peito essa canção exclusivamente portuguesa — o Fado — o canto do fatalismo, canto popular cuja melancolia se torna muitas vezes num grito de sofrimento, acompanhado pela guitarra portuguesa, mais grave do que a guitarra havaiana, mas que, como ela, nos prende e nos domina. Há quem ache o Fado menos interessante do que as canções populares herdadas dos trovadores provençais. Apesar de tudo, o Fado, mórbido e nostálgico, continua a ser, para o estrangeiro, a expressão do sentimentalismo inquieto e triste, do ardor seguido de renúncia, que se sente em muitos portugueses.

MARTHE OULIER.



# 1900 em Portugal



É bem certo que o homem vive, sente e pensa segundo certos hábitos e convenções. A memória dos sentidos e a influência do meio e da época dão-lhe como que um outro eu, e mesmo quando ele vê para além dos seus contemporâneos, vê usando da capacidade de clarividência já possível no seu tempo.

O homem isento de convenções morais, sentimentais, ideológicas, visuais, estéticas ou auditivas não existe—ou se existe é tão raro que não serve, sequer, para exemplo... O homem em constante renovação, o homem nunca feito, o homem totalmente livre, que não se escraviza sequer às suas ideias de liberdade, é uma aspiração, uma ficção e não uma realidade.

Daí, uma série de prejuízos psíquicos e sensoriais. A estabilidade ideológica traz a paixão, a visão, por um só ângulo, dos homens e dos acontecimentos e leva a paradoxos como o daqueles que não hesitavam em prègar a crueldade para que viesse a implantar-se a bondade...

Por sua vez, a memória e os hábitos dos sentidos são dínamos ideais para gerar o ridículo. A sensação de grotesco é das manifestações mais convencionais e pueris que o homem conduz em si. Um pouco de inteligência bastaria, em certos momentos, para evitar essa sensação—mas antes que a inteligência accione já a noção do ridículo alheio se apossou de nós.

Um espanhol que embarque para a Argentina sente-se incomodado, ao chegar lá, com a pronúncia que ali dão ao seu idioma. E, com o mal-estar, recebe uma onda de grotesco, emanada de quem fala. Mas passam-se os anos. Os seus ouvidos criam novos hábitos, a memória auditiva é já outra e, um dia, esse espanhol na Argentina, ao ouvir falar um compatriota recenhegado, sente como incômoda e ridícula a pronúncia nativa—a sua proveniência de outrora. Se, porém, volvidos tempos, esse emigrante regressa, e se

acostuma de novo ao metal lingüístico da sua origem, quando ouvir, em terras de Espanha, falar um argentino, repetir-se-á a sensação de incômodo e grotesco que teve na Argentina ao ouvir falar um espanhol.

E isto que se dá entre os habitantes do país vizinho e os daquela nação sul-americana, dá-se com os portugueses no Brasil e com os brasileiros em Portugal; com os ingleses nos Estados Unidos e com os yankees na Inglaterra.

Tudo convenção, hábito, memória. Ridículo convencional, de que poucos homens se podem libertar, procurando para além das exteriorizações o que há de profundo e fraterno no espírito humano.

Com a evolução da moda—origem dèste artigo, para o qual as considerações anteriores são simples moldura—dá-se o mesmo fenómeno, embora em planos diferentes. Sofre-se aqui, mercê da memória visual, o mesmo que se sofre com a pronúncia dos idiomas, graças à memória auditiva.

Que a moda é uma arte e uma arte difícil pela sua vaporosa fantasia, já ninguém ousa negá-lo. Simplesmente, é uma arte que não cristaliza em nenhum manual, uma arte para a qual não há receitas possíveis, pois os seus elementos estéticos vivem do arbítrio de quem os descobre ou cria. Tem, por isso, a vida efêmera de todas as coisas delicadas da vida. Quando a princesa Bibesco canta a nobresa da moda, não é a nobresa que se fixa por um braço inalterável, que se lega através das gerações, mas sim a nobresa do que é transitório, do que morre nobremente antes de que o tempo lhe perturbe as linhas aristocráticas.

Mas, precisamente por isso, por que

UMA RECEPÇÃO EM HONRA DUM SOBERANO ESTRANGEIRO NA CÔRTE DO REI D. CARLOS.—COMO SE ERA ELEGANTE EM 1900!—A ACTRIZ ADELINA AFRANCHES HÁ TRINTA ANOS!—O PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA RODRIGUES ALVES, QUANDO DA SUA VISITA A PORTUGAL.—O CICLISMO, «SPORT» FAVORITO DE 1900...



se trata de beleza efêmera, nada há que tenha, como a Moda, o poder de demonstrar quanto é convencional a origem do ridículo.

Sempre que um costureiro lança uma nova criação, os nossos olhos, que possuem, entre outros, um sentido reaccionário, dado pelos hábitos e pela memória, reagem, quasi se ofendem, ante o corpo feminino, por mais esbelto e elegante que seja, que ostente a inédita *toilette*. E se não reagem, se não lhe encontram um vago ridículo, é porque aquela nada tem de inédito, nada tem dessa adorável ousadia que é sinónimo de novidade e de criação.

Mas não é no que a moda tem de progressivo que o preconceito se faz sentir mais nitidamente, e sim no que ela possui de retrospectivo.

É ver, por exemplo, esse

## MADAME BROUILLARD



Da consultas diarias das  
o da manha as 11 da noite  
em seu gabinete, 43, rua  
do Carmo, 43, sobre-loja.  
Consultas a 18000 reis.  
25500 rs. e 55000 reis.

O passado, presente e futuro  
revelado pela mais celebre chi-  
romante e physionomista da  
Europa. Madame Brouillard.



OS COMÍCIOS, NO TEMPO DA PRO-AGANDA REPUBLICANA. — UMA AMAZONA. — MADAME BROUILLARD, A QUIROMANTE DA MODA, EM 1900. — O «BOUDOIR» ELEGANTE DUMA ATRIZ DA ÉPOCA



1900 dos nossos pais e até de muitos de nós próprios, que Paul Morand acaba de exumar. Não podemos contemplar uma mulher vestida à moda dessa época sem sentirmos por ela uma secreta piedade — piedade pelo infinito ridículo que nos inspira. Se a conhecemos, admiramo-nos de que ela tenha, um dia, sido assim, que tenha usado aquele chapéu grotesco, aquele vestido que parece de caricatura — e não os usaremos mostrar-lhe a sua própria fotografia. E não são sequer necessários trinta anos sobre a criação dum costureiro, para

que esta nos dê uma impressão de comichidade. As modas de 1906, de 1908 e até as de 1910, aparecem hoje supremamente ridículas aos próprios que nesse tempo as consideraram supremamente elegantes. Se nós não podemos, sequer, contemplar certos retratos da nossa própria adolescência e mocidade sem termos piedade, sem termos vergonha de nós próprios!...

É este sentimento pessoal que nos irmana no ridículo que encontramos nos outros e o limita a uma simples convenção visual. Se essas modas que nos parecem, agora, imensamente grotescas, ressuscitam, um dia, mais linha, menos linha, passados três meses e depois da inevitável reacção dos olhos, parecer-nos-ão elegantísimas... Para essa adaptação concorre muito, é certo, superando o conservantismo visual, o facto do homem, ao mesmo tempo que é ferido pela nova *toilette*, ser impressionado, sensorialmente, e embora inconscientemente, pela mulher que a entrega. Assim, aceitamos mais depressa a nova criação da moda numa mulher que possa



exercer em nós aquela influência do que numa mulher idosa, que não possua já igual sortilégio. Daí também o agravar-se a sensação de ridículo perante as velhas modas, porque às mulheres que as usaram só as poderemos ver em desenhos ou fotografias.

Mas — dir-se-á — há modas mais remotas do que as de 1900, mais remotas ainda do que as do século XIX e, contudo, não nos dão sensação alguma de grotesco. As do século XVIII, por exemplo, que ainda hoje são belas e só não é possível ressuscitá-las, para encanto dos olhos, por não estarem dentro do espírito prático da nossa época.

É que essas modas — saías de balão, cinturas delgadas e flexíveis, evocação de liteiras e parques aristocráticos — pertencem mais à arte decorativa do que à arte efêmera da *toilette*. Sugerem todo um período de beleza que tem sido perpetuado, através destes últimos tempos, em todos os ramos da arte, sobretudo na pintura e na literatura. Desde meninos, os nossos olhos habituaram-se a encontrar essas *toilettes* em todas as manifestações artísticas, desde as exposições picturais aos espectáculos de baillados ou de canto.

Evidentemente que se elas não correspondessem, como sucede com as que se lhes seguiram, a uma secreta convenção estética, a um determinado padrão de beleza em que todos coincidimos, a sua existência, como elemento de arte, ao longo de tantos anos, não teria sido possível. Mas, para isso, foi necessário que uma arte superior à da moda se apossasse e consagrasse essas criações já seculares.

Apesar de tudo, a moda é uma das mais interessantes manifestações do espírito humano. Ela traduz, dentro da sua estética transitória, a nossa inquietação, o nosso desejo de renovação, a nossa atracção para a novidade, mesmo quando essas tendências entram em conflito com outras que também fazem parte do nosso mundo psíquico e sensorial.



ENSAIO DAS «GIRLS» DE 1900. — RETRATO DA SR.<sup>a</sup> D. AMÉLIA DE BRAGANÇA, DEPOIS DE SER COROADA RAÍ-NHA. — UMA FESTA DE CARIDADE



## SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos Afornzeoados. Fortificados com as

“Pilules Orientales”

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum á saúde. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratié, Pharmacien,  
5, passage Verdeau, Paris.  
Frasco com Instrukções reis 1500

franco, para valle do correio enviado a :  
J. P. Bastos & C.<sup>a</sup> 39, Rua Augusta, Lisboa.

ESTORIL, A PRAIA  
MAIS CIVILIZADA  
DE PORTUGAL





AGORA, para quem vive em Lisboa, torna-se facilimo ir ao estrangeiro, ou, pelo menos, ter a ilusão de que mudou de ambiente. Basta tomar o comboio eléctrico do Estoril e desembarcar nesta praia moderna, civilizada, com o seu parque, o seu Palácio monumental, à *la page*, a sua piscina, os seus *bars*, os seus *pijamas*, a sua vida internacional, movimentada, brilhante, bem diferente da vida tranqüila e neurasténica de Lisboa...

O novo Casino, inaugurado há pouco tempo, veio completar esse ambiente. É um edificio sumptuoso, decorado com um bom gosto europeu e um sentido moderno até agora desconhecido em Portugal—como os nossos leitores podem verificar, contemplando as fotografias que publicamos nestas duas páginas abertas.



# Quinzena sportiva



AS DISTINTAS AMAZONAS D. MARIA E D. ADELAIDE COSTA, QUE CONCORRERAM AO CONCURSO HÍPICO DE VIANA DO CASTELO

(Foto Aureliano Carneiro)



NO DIA VINTE E TRÊS DE AGOSTO REALI-  
SE A «PEQUENA TRAVESSIA DE LISBOA», I-  
NADO, PROMOVIDA PELO CLUB SPORTIVO DE  
PEDROÇOS, PROVA QUE FOI MUITO CONCOR-  
RIDA. OS MELHORES TEMPOS FORAM FEI-  
TOS PELOS SEGUINTE NADADORES: AZEVEDO DOS  
SANTOS, DO SPORT ALGÉS E DAFUNDO; DE-  
FIM DA CUNHA, DO CLUB FOOT-BALL OS  
BELENENSES, E LUÍS NAIA, DO SPORT LI-  
SBOA E BEMFICA

(Foto Hordácio de Novais)



UM BELO SALTO DE IVENS FERRAZ, NO CO-  
URSO HÍPICO DE VIANA DO CASTELO, EDI-  
LICADO POR OCASIÃO DAS FESTAS DA SENHORA  
DA AGONIA, CERTAME QUE CONSTITUIU UM  
GRANDE ACONTECIMENTO SPORTIVO E MUNDIAL

(Foto Aureliano Carneiro)

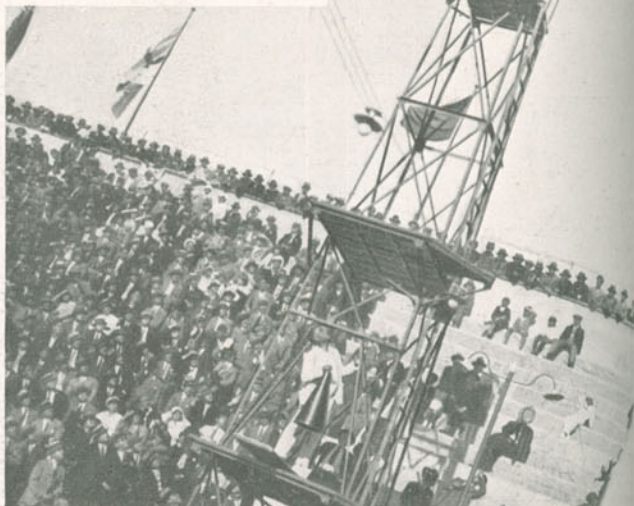


UM GRUPO DE NADADORES, NA PISCINA DE ALGÉS, CONCORREN-  
TES ÀS PROVAS INTERNACIONAIS DE NATACÃO QUE SE REA-  
LIZARAM EM LISBOA

(Foto Hordácio de Novais)

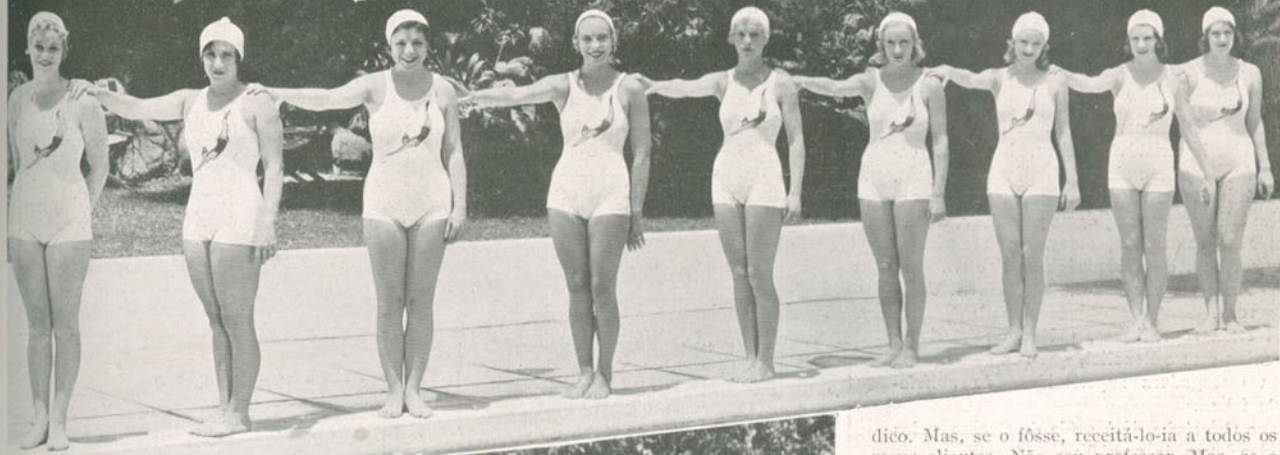
POE INICIATIVA DO SPORT  
ALGÉS E DAFUNDO, REALI-  
ZARAM-SE ESTE ANO, EM LIS-  
BOA, AS PRIMEIRAS PROVAS  
INTERNACIONAIS DE NATACÃO.  
A CONVITE DESSE CLUB  
VEIO A PORTUGAL A «EQUI-  
PE» DE «WATER-POLO» DO  
CLUB DE NATACÃO DE BAR-  
CELONA, ACTUAL CAMPEÃO DE  
ESPAÑA, QUE DEFROSTOU,  
NA PISCINA DE ALGÉS, AL-  
GUNS CLUBES LISBOENSES  
E A SELECÇÃO DE LISBOA,  
CONSEGUINDO BATE-LOS  
DUMA MANEIRA NÍTIDA E  
BRILHANTE. OS PORTUGUE-  
SES, APESAR DE LUTAREM  
QUASI SEMPRE COM ENER-  
GIA, PROVARAM NÃO POS-  
SUIR AINDA CATEGORIA IN-  
TERNACIONAL. FALTA-LHES  
EXPERIÊNCIA. ALÉM DOS  
DESAFIOS DE «WATER-POLO»,  
TAMBÉM SE REALIZARAM,  
NA PISCINA DE ALGÉS, COR-  
RIDAS DE VELOCIDADE, ONDE  
OS NADADORES LISBOENS  
CONSEGUIRAM OBTER ALGU-  
MAS VITÓRIAS, E EXIBIÇÕES  
DE SALDOS, QUE ENTUSIAS-  
MARAM A NÚMEROZA ASSIS-  
TÊNCIA ÀS PROVAS

(Foto H. de Novais)





# Cinema, barinho de Sol



UMA das características da arte cinematográfica é o seu magnífico optimismo. Mais que nenhum outro, o espectáculo do cinema convida à alegria, a vêr a vida através de vidros cor de rosa. Nos filmes, tudo é fácil, tudo acaba por se resolver a contento das pessoas pacíficas, com uma apoteóse. Os heróis são fortes, desembaraçados, desenxovalhados. Sorriem com franqueza, perfilando uma dentadura deslumbrante. Tudo nêles revela a boa disposição de quem não sofre do fígado, nem do estômago, de quem não sabe o que são calos nem enxaquecas. Confiam na solidez e na ligeireza dos músculos. Vestem fatos claros, folgados, deixando circular o ar com abundância. São, em resumo, padrões duma humanidade saudável, bela, livre, generosa — sem chapéu e trajando calças de golf.

As raparigas dos filmes são a réplica amável dos seus camaradas de outro sexo. De academia perfeita, olhos sinceros, lábios frescos, catequizam um novo crêdo moral, desmpeçoirado e puro.

Deixem falar os tontos moralões que vêem na ofensiva triunfal dessa coorte risonha uma incursão perigosa no domínio burguês! O burguês não deixa de ser burguês pela simples razão de passar a fazer a barba todos os dias e a tomar banho. É uma questão de higiene, e não de princípios.

O cinema realizou este milagre notável: inundar-nos de luz das nove horas até à meia-noite. Antítese de Josué, em vez de interromper a trajectória do sol, prolonga-a; noite fora.

O cinema é um banho de sol. A cinematógrafia merecia um lugar de honra na terapêutica moderna. Pode usar-se com êxito contra a neurastenia e outras maleitas do século. E, se não resolve o problema secular da panaceia — o remédio sonhado pelos alquimistas medievos, que curaria tôdas as doenças — é um excelente constituinte espiritual.

O meu reconhecimento pelo bem que o cinema me tem feito é imenso. Não sou mé-



dico. Mas, se o fôsse, recitá-lo-ia a todos os meus clientes. Não sou professor. Mas, se o fôsse, recomendá-lo-ia a todos os meus alunos.

Qualquer filme — note-se bem: *qualquer* — encerra uma lição. Essa lição pode ser mais ou menos interessante, melhor ou pior exposta, mas é sempre proveitosa. O caso está em saber interpretá-la e aproveitá-la. Não é difícil. O cinema é uma arte subtil — que se mete pelos olhos dentro.

Quando assisto a um espectáculo cinematográfico sinto uma extraordinária sensação. É como se tudo o que passa na tela se reflectisse num segundo écran que está dentro de mim, transformado em palavras definitivas e reconfortantes.

Já quando as imagens eram silenciosas, eu escutava, atento, esse desfile de frases eloquentes, ditas numa linguagem sem par e de tal sorte que não era preciso ouvir para entendê-las. Hoje, como o cinema aprendeu a falar, não necessito de recorrer a uma abstracção para sugerir o que se sente.

Em Portugal tem-se intensificado consideravelmente, nestes últimos anos, a propaganda da praia. Já lá vai o tempo em que só se ia «a banhos» — ridículo assombroso! — por receita médica! Apesar das suas gabarolices de povo marinheiro, os portugueses gostavam mais de ir veranear para o campo que para as costas marinhas...

Mas porque não se intensifica também a propaganda do cinema — praia de inverno? Os grandes jornais diários tratam o cinema com um certo desdém, em secções mesquinhas, reservadas a críticas azedas e a notícias insensas... ou picantes. Porque não incluem êles no seu programa, com optimismo, com inteligência, artigos prégando os benefícios dum espectáculo benéfico entre todos? Porque limitam a sua esfera ao relato sensaborão do dia a dia, gastando colunas e colunas com pormenores enervantes e inúteis sobre os chamados «últimos acontecimentos»?

Não será o cinema uma revolução como outra qualquer?

Cinema, banho de sol! Quando iluminarás tu, completamente, com os teus alegres raios artificiais, este país cansado de tristeza?

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO.

# PIM DE FESTA

## Uma caixa

Quando foi a inauguração do Casino Novo do Estoril, Cristóvão Aires, bellissimo camarada, com uma alegria saudável, europeia, que é irmã da alegria de Erico, teve uma noite feliz porque se julgou possuidor, diante dos seus camaradas, ciumentos e curiosos, duma caixa, dum verdadeiro caixote...

— Vocês vão ver amanhã no *Século*... Vocês vão ver...

E eram segredinhos, palavras misteriosas trocadas com o Benoliel, que nos olhava com uma esmagadora superioridade de *noticiarista* feliz...

E o Cristóvão, já à saída do Casino, pelas quatro horas da manhã:

— Ó Ferro, você dá-me a sua palavra de honra que não diz nada...

— Palavra de honra! Pode desabafar...

— Bem! Confio! Lá vai a bomba... O Duque de Westminster e o Churchill estão no Estoril...

— Você tem razão... Que grande caixa... O pobre do Augusto Pinto é que vai ficar arreliado...

No dia seguinte lá vinha a notícia na primeira página do *Século*, a notícia esmagadora, a grande caixa... O *Diário de Notícias* limitava-se a registar, timidamente, a presença do Duque de Westminster... De Churchill nem vestígios... No dia seguinte, um desmentido da Embaixada de Inglaterra:

Westminster tinha assistido, efectivamente, à festa do Casino Novo, mas Churchill, o célebre Churchill, estava passando as suas férias em Biarritz...

*Tableau!* A caixa, afinal, era mais do que um caixote, era um caixão...

## Coisas... da vida

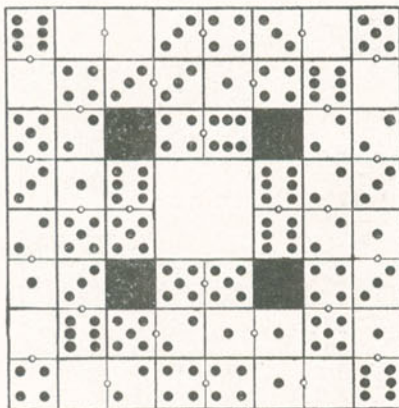
O pintor Canelas foi matar saúdes à sua terra natal, uma aldeia na Beira, vestido à Biarritz: *pulover*, calças-golf, a cabeça descoberta, máscara à Fougita... E logo o rapazio, ameaçando corrê-lo à pedra:

— Vai-te embora matulão...

## Gastão Sousa Dias

Num dos próximos números começaremos a publicar uma série de artigos sobre assuntos africanos, devidos à pena de Gastão Sousa Dias — um dos mais notáveis escritores portugueses que o livro *Africa Portentosa* consagrou.

## Passatempo de dominó



A solução do problema de dominó que propuzemos aos nossos leitores, no último número, é facilíma, como podem verificar...



## Porque está na berlinda?

O nosso jogo de prendas continua. É facilímo, próprio para o verão — época de praias e de concursos inocentes.

Durante seis números publicaremos fotografias de figuras em destaque.

Os leitores que queiram concorrer (e são muitos, a avaliar pelas respostas que já temos em nosso poder) devem-nos enviar, dentro dum envelope, dirigido à nossa redacção, os nomes dessas pessoas e as razões porque foram para a berlinda.

Aqueles que acertarem com os nomes e, ao mesmo tempo, nos enviarem as respostas mais espirituosas, ganharão várias prendas, cuja lista completa publicaremos no próximo número.

Por enquanto só queremos revelar o primeiro prémio, que é tentador e que se pode ganhar quasi sem esforço:

Um exemplar do célebre romance de Júlio Denis, «As pupilas do senhor reitor», lujosamente encadernado, ilustrado com esplêndidas aguarelas de Roque Gameiro, reproduzidas em tricomia!

Editor:

FRANCISCO AMARO

Assinaturas:

R. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78—  
Telef. 2 3132

Publicidade:

R. ANCHIETA, 25—Telef. 2 0535

Composição e impressão:

R. DA ALEGRIA, 30—Telef. 2 0537

Propriedade e edição:

LIVRARIA BERTRAND, L.<sup>da</sup> e EM-  
PRÉSA NACIONAL DE PUBLI-  
CIDADE. — LISBOA



O dono desta agência funerária resolveu fazer um pouco de publicidade moderna.

(Do Gringote)

---

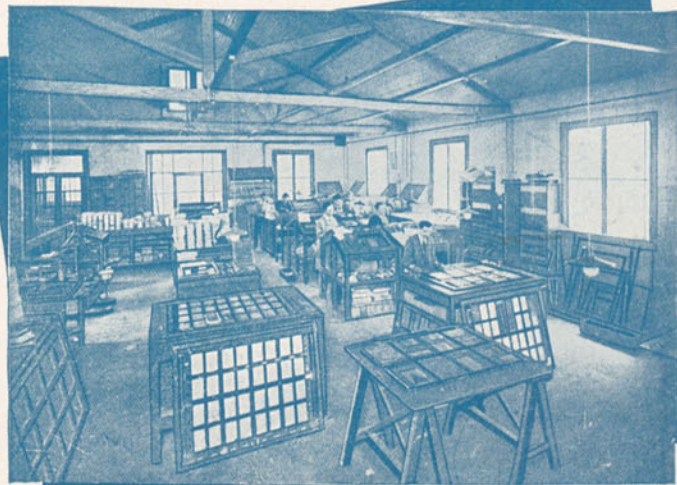
# SOCIEDADE GRÁFICA EDITORIAL

TRICROMIA  
DESENHO  
TRABALHOS  
DE GRANDE  
ARTE  
TRABALHOS  
COMERCIAIS  
INEXCEDIVEL  
PERFEIÇÃO  
ORÇAMENTOS  
GRATIS



É NESTAS OFICINAS QUE SE IMPRIMEM TODOS OS BELOS TRABALHOS GRÁFICOS DE

ILUSTRAÇÃO, MAGAZINE BERTRAND,  
O VOLANTE, HISTORIA DA LITERATURA  
PORTUGUESA (ILUSTRADA), REVISTA  
AERONAUTICA E ALMANACH BERTRAND



AS MAIS MODER  
NAS INSTALA  
ÇÕES DO PAIZ  
E AQUELAS  
QUE MAIOR  
CAPACIDADE  
DE PRÓDUÇÃO  
POSSUEM  
SECÇÃO ESPE  
CIAL DE PU  
BLICAÇÕES PE  
RIODICAS UL  
TRA RAPIDAS  
COMPOSIÇÃO  
MECANICA

S. A. R. L. RUA DA ALEGRIA, 30 LISBOA

---



O permanente movimento junto das bombas de gasolina Auto-Gazo é o mais claro indício de que os produtos de boa qualidade são sempre os preferidos.

**VACUUM**  
OIL CO.